

**"Tu que compreendes o quanto,
neste mundo passageiro,
somos muito mais como náufragos
lançados de um lado para outro
por tempestades e ondas,
do que como alguém que anda em terra firme,
não desvies o teu olhar desta estrela,
se tu não queres ser oprimido
pelas tempestades.**

**Se os ventos das tentações surgirem,
se tropeçares com os obstáculos das provações
olha para a estrela, invoca Maria.**

**Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas,
pensa em Maria, invoca Maria.**

**Que ela nunca se afaste de teus lábios,
nem se afaste de teu coração;
e para conseguires a sua ajuda intercessora,
não te afastes dos exemplos da sua vida.**

**Se a segues, não te podes desviar;
Se a invocas, não te podes desesperar,
Se pensas nela não podes errar.**

**Se Ela te segurar a mão, não cairás;
se Ela te proteger, nada temerás;
não te cansarás, se Ela for o teu guia;
chegarás, felizmente, ao porto, se Ela te amparar"**

São Bernardo de Claraval

SUMÁRIO **MARÇO-ABRIL DE 2013**

VIDA DA IGREJA

- 74 Eleição do Papa Francisco, 13 de maio de 2013

VIDA ESPIRITUAL

- 76 Conferência em preparação para a Renovação dos Votos
Uma Renovação interior e exterior
Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 89 Dia da Renovação dos Votos, 8 de abril de 2013
"O Senhor confia aos seus anjos a missão de nos guiar:
A renovação anual e a renovação dos votos 2013"
Padre Gregory Gay, Superior geral

94 “Um coração indiviso”: o Serviço e a Eucaristia
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

106 Maria, Mãe de Misericórdia
“*Eu vi a Virgem revestida de misericórdia*”
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

Nomeações

123 Designação de Visitadoras e Nomeação de Diretores provinciais

Testemunhos das Irmãs

125 Província da América Central
Projeto apostólico da casa de Saint-Hyacinthe em San Salvador
A Comunidade da Casa Saint-Hyacinthe

Encontro de Diretores Provinciais

128 Casa Mãe, de 1º a 14 de julho de 2012
Encontro de Diretores Provinciais
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

Notícias breves

133 * Nascimento de uma nova Província na Espanha:
“Província da Espana-Sur”
* Envio em missão de cinco Filhas da Caridade à Safa, República da África Central

HISTÓRIA DA COMPANHIA

Fontes e atualidades

134 A Filha da Caridade professora, segundo São Vicente
Padre Jean Morin, cm

VIDA DA IGREJA

ELEICÃO DO PAPA FRANCISCO

13 de março de 2013 Eleição do Papa Francisco

Bento XVI, eleito sucessor do Papa João Paulo II, no dia 19 de abril de 2005, anunciou a renúncia de suas funções papais, no dia 13 de fevereiro de 2013. No dia 28 de fevereiro deste mesmo ano esta decisão entrou em vigor. Portanto, a partir dessa data ele passou a ser chamado, de maneira inédita: “*Sua Santidade Bento XVI, Bispo emérito de Roma*”.

O Papa Francisco foi escolhido no dia 13 de março de 2013

Jorge Mário Bergoglio, nascido no dia 17 de dezembro de 1936, em Buenos Aires – Argentina, é primeiro Papa Jesuíta e o primeiro a escolher o nome de Francisco, em homenagem ao compromisso de São Francisco de Assis, no combate contra a pobreza e na luta a favor da paz.

Palavras do Papa Francisco antes do primeiro Angelus na Praça São Pedro

**“Fazer a experiência da misericórdia muda tudo :
É a melhor palavra que podemos ouvir
Ela transforma o mundo”**

Neste quinto domingo da Quaresma, o Evangelho apresenta-nos o episódio da mulher adúltera (cf. Jo 8, 1-11), que Jesus salva da condenação à morte. Impressiona o comportamento de Jesus: não ouvimos palavras de desprezo, não ouvimos palavras de condenação, mas apenas palavras de amor, de misericórdia, que convidam à conversão: «*Também Eu não te condeno. Vai e doravante não tornes a pecar*» (v. 11). Irmãos e irmãs, o rosto de Deus é o de um pai misericordioso, que sempre tem paciência. Já pensou na paciência de Deus, na paciência que Ele tem com cada um de nós? É a sua misericórdia. Sempre tem paciência, tanta paciência conosco: compreende-nos, ocupa-se conosco, não se cansa de nos perdoar, se sabemos voltar para Ele com o coração contrito...

Experienciar a misericórdia muda tudo. É a mais bela palavra que podemos ouvir. Ela transforma o mundo. Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo. Precisamos compreender bem esta misericórdia de Deus, este Pai misericordioso que tem tanta paciência... Recordemos o profeta Isaías, quando afirma que mesmo que os nossos pecados fossem vermelhos escarlata, o amor de Deus torná-los-ia brancos como a neve. Como é bela a misericórdia!

Não esqueçamos esta verdade: Deus nunca se cansa de nos perdoar! Nós nos cansamos de pedir perdão, mas Deus jamais se cansa de perdoar. Ele é o Pai amoroso que sempre perdoa, que tem um coração de misericórdia para com todos. E, por nossa vez, aprendamos também a ser misericordiosos para com todos. Invoquemos a intercessão de Nossa Senhora que teve nos seus braços a Misericórdia de Deus feita homem.

Roma, 17 de março de 2013

VIDA ESPIRITUAL

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Conferência em preparação para a Renovação dos Votos
Paris, 6 e 7 de abril de 2013.

“Uma Renovação interior e exterior”

Fui à Roma, por ocasião de um encontro com o Superior geral e, visitei as quatro grandes Basílicas : São Pedro, São João de Latrão, São Paulo fora dos muros e Santa Maria Maior. Isto me deu a oportunidade de refletir sobre a fé e sobre a necessidade de nela me enraizar mais profundamente. Durante a viagem, rezei pelas Filhas da Caridade e por mim, seu Diretor, pedindo ao Senhor para que sejamos fiéis às missões que Deus nos confiou.

Quando entrei na Basílica São Pedro, a exemplo das outras vezes que fui a Roma, imediatamente fui atraído pela imagem da Pietá de Michelangelo. Uma maravilhosa e indescritível representação de Maria segurando em seu colo o corpo de seu Filho morto. Quando olhamos atentamente esta imagem, é difícil desviar o olhar. Para mim, esta imagem representa a calma e o silêncio absoluto que me convida à meditação. O mármore, aparentemente sem mácula, não oferece nenhuma distração de cores, e Michelangelo com seu talento soube muito bem apresentar a descida suave do corpo, sereno e tão flexível e o movimento do tecido. Sinto-me inevitavelmente atraído pelo rosto de Maria, trata-se de uma pequena parte desta grande obra, mas dificilmente consigo desviar o meu olhar.

O rosto de Maria me atrai, outras pessoas, observariam aspectos diferentes e proporiam pontos de vistas variados sobre o que elas percebem, sabendo que tudo está colorido pelos pensamentos e pelo que se vive naquele momento.

Quando contemplam Maria vivendo este trágico acontecimento, algumas pessoas vão falar sobre a tristeza e a dor que enchem o coração de Maria nesse momento, outras ficarão tocadas pelo sentimento de fragilidade e de impotência nela. Outras ainda perceberão a solidão que doravante ela viverá, pois não há mais ninguém com quem possa contar. Todas estas percepções são apenas uma parte do que esta imagem pode transmitir. Da minha parte, sou sensível a essa interioridade perfeita. Quando olho este rosto reproduzido no mármore, eu me pergunto a que ponto Maria mergulhou totalmente no seu ser mais profundo. Lemos nas Escrituras que ela acolheu e meditou em seu coração suas experiências. Eu me pergunto em que medida esta dinâmica estava presente naquele momento e até que ponto podemos encontrar nesta imagem o sentido de nosso lema: “O amor de Cristo crucificado nos impele”. A estátua nos apresenta seguramente a imagem de Cristo crucificado nos braços de Maria que o amou mais do que ninguém. Quais seriam os seus pensamentos?

Podemos elencar em nossa mente os exemplos mencionados na Bíblia, onde Maria aparece: a Anunciação, a Visitação, o Nascimento de Jesus, a Apresentação no Templo, Jesus no Templo entre os doutores da Lei, as Bodas de Caná, e assim por diante. Certamente existem outros encontros sobre os quais, nada sabemos. Sendo Maria a Mãe de Jesus, só podemos imaginar os laços que os uniram, através de uma reflexão sobre a nossa própria família. Talvez, Maria tenha se lembrado do primeiro instante em que Jesus entrou em sua vida pela Anunciação, quando ela disse “sim” a Deus sob a moção do Espírito Santo. Com este primeiro “sim”, Maria aceita todos os outros acontecimentos, inclusive a cruz: *“Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a Vossa Palavra”*. O abandono de Maria à vontade de Deus na Anunciação a conduziu até aquele momento, isto é, até a morte de Jesus. A aceitação total ao desígnio de Deus sobre si não perdeu seu vigor. Mesmo naquele instante ela reconhece e aceita a realidade dos acontecimentos como algo que Deus lhe pede.

Eu me pergunto até que ponto a Pietá me autoriza entrar nos pensamentos de Maria. Seria um momento de oração profunda para ela? Será que ela está dizendo a Deus, com o mesmo fervor do seu primeiro engajamento, que aceita a morte de seu Filho como parte da Vontade de Deus? Seria neste momento que ela precisava redescobrir a moção do Espírito Santo e o elã da esperança? Quando falou com o anjo de sua confusão a respeito de como poderia ser a mãe de Jesus sendo virgem, o anjo lhe respondeu que nada era impossível para Deus e ela acreditou. E neste momento em que não compreende o que está acontecendo, ela escuta novamente a promessa do anjo dizendo que nada é impossível para Deus? Poderíamos pensar nisto como um momento de “renovação” em sua vida?

Partilho estes pensamentos que passaram pela minha mente no dia em que fiquei diante da Pietá, examinando esta obra de arte. Gostaria igualmente de expressar o que ela pode nos dizer, no

dia em que refletimos sobre a Renovação dos votos. Mas, antes, permitam-me distanciar-me desta obra maravilhosa para dirigir-me a uma outra: a de São Vicente.

A maioria de nós sabe que no alto do segundo pilar da Basílica de São Pedro, do lado direito, a uns trinta metros de distância da Pietá, encontra-se a imagem de São Vicente, uma imagem de tamanho considerável, mas esculpida por Pietro Bracci, que não foi nenhum gênio como Michelangelo.

Após ter contemplado a Pietá, olhando atentamente a imagem de São Vicente, o contraste é impressionante. A imagem é muito maior que o tamanho real de São Vicente, o que lembra o dinamismo de Vicente naquela época (enquanto a Pietá é em tamanho real e em perfeita harmonia com o drama humano). A imagem foi esculpida em uma pedra cinza mais rude que o mármore utilizado por Michelangelo. Estou certo que um verdadeiro artista poderia destacar milhares de diferenças técnicas entre as duas imagens, mas, para mim, a diferença maior é a energia e o movimento presente nesta imagem de São Vicente. Enquanto Maria apresenta uma imagem de calma, Vicente está inteiramente em movimento. Vocês podem imaginá-lo: Vicente está representado dando um passo à frente, a mão direita está levantada, em um gesto energético, e todo seu corpo está investido nesta ação. Seu dedo indicador está levantado como para enfatizar um argumento ou talvez simplesmente, apontando o céu. Em sua mão esquerda está um grande crucifixo que parece apoiar-se sobre seu quadril. Vicente olha com atenção e mantém sua comunidade sob o seu olhar. Podemos imaginar as palavras audaciosas que podem sair de seus lábios. A força e o dinamismo de suas palavras são sugeridos pelo movimento de suas roupas e do seu hábito sacerdotal. Tudo está em movimento, nada fica tranquilamente no lugar. Olhem para sua estola, sua túnica, sua sobrepeliz - tudo está em movimento, quando ele se lança para frente! Estou muito mais atraído pelo poder perceptível em todo o seu corpo do que por seu rosto. A imagem apresenta Vicente como uma pessoa em ação: alguém que tem algo para dizer e para fazer: alguém que não é tímido em sua proclamação. Esta imagem, contrastando com a da Pietá está inteiramente voltada para o exterior. Ela entra na nossa vida. Pode-se também reconhecer um texto aberto aos pés de Vicente. Do chão, é difícil ler o que está escrito, mas para a família vicentina, as poucas letras visíveis são suficientes para dizer que se trata da divisa da Congregação da Missão: “*Evangelizare pauperibus misit me*”, “*Ele me enviou para anunciar a Boa Nova aos pobres*”. O crucifixo nas mãos de Vicente atrai nossa atenção sobre o Cristo Crucificado, mas a imagem de Vicente apresenta o Cristo vivido, proclamado, ressuscitado dos mortos que chama seus discípulos a segui-Lo. Perguntei-me se poderíamos chamar esta imagem: “*o Amor de Cristo crucificado nos impele*”. Desta vez, este amor destaca a urgência em falar e em agir.

A Pietá sugere a contemplação e o caminho interior, enquanto que a imagem de São Vicente sugere a proclamação e a caminhada expressa num serviço dinâmico. Estas duas obras de arte me proporcionaram uma reflexão que não pude ignorar. Durante o resto da tarde, fiquei em volta da Basílica de São Pedro e meditei na oração, para onde o Senhor estava me conduzindo. Não pude deixar de pensar que esta peregrinação e estas imagens permitiriam uma meditação sobre a Renovação, sobre o que ela supõe enquanto engajamento interior e exterior à luz dos ensinamentos *da Instrução sobre os Votos* que agora, começo a explorar.

Talvez, vocês não questionem o porquê da partilha desta peregrinação, nestes dias que refletem sobre o desejo de renovar os votos. Fiz esta peregrinação, pensando em vocês, e no serviço que realizo como Diretor. Gostaria de meditar sobre minha própria fé, mas em particular, sobre a maneira como posso partilhá-la com vocês e ajudá-los a crescer na sua fé. Toda vez que parei, eu rezei por vocês e por nossa caminhada juntos. Esta primeira parada me fez pensar, particularmente, nos votos que vocês fazem. Permitam-me oferecer-lhes algumas breves reflexões sobre estas promessas neste dia de oração e reflexão. Espero que a imagem de Maria, com seu caminho interior e a de Vicente, com seu caminho exterior, possam ser úteis para nossa meditação, ao mesmo tempo que des-

cobrem a maneira como os votos se tornam a expressão mais profunda do seu ser e do engajamento de toda a sua vida.

A POBREZA

A pobreza é uma das expressões do espírito das Filhas da Caridade: tomar consciência do que é necessário, contentar-se com os bens colocados a nossa disposição e desejar partilhá-los com os outros; estar pronta para investir seu tempo, seus dons, seus esforços a serviço daqueles que estão na necessidade. Nossa *Instrução sobre os Votos* oferece algumas orientações:

*“Segundo o espírito dos Fundadores, as Filhas da Caridade devem viver a **pobreza interior e exterior**, em função de sua vocação de Servas de Cristo nos Pobres”* (Instruções, pág. 61).

Isto é desenvolvido um pouco mais adiante:

*“A pobreza evangélica é, antes de tudo, uma **pobreza espiritual**, a que Jesus proclama como bem-aventurança, e ao mesmo tempo, uma **pobreza real**, a que Ele quis viver pessoalmente, partilhando a vida dos pobres”* (Instrução, pág. 65)

A pobreza manifesta que no mais profundo de si, Deus é a única necessidade e o único tesouro (C. 30a). Desejamos ser pobres, porque nesta pobreza, somos enriquecidos pela presença do Senhor e isto se torna um dom para partilhar.

Quando olho para Maria, na Pietá e penso na virtude de pobreza, fico impressionado ao ver a que ponto, naquele momento, ela está totalmente desprovida. Para ela, não era novo o fato de não dispor de recursos materiais relevantes, no entanto, Jesus estava sempre ao seu lado, desde o primeiro instante da Encarnação. De agora em diante, ela não têm mais nada. Ela está entre os pobres e sua dependência de Deus assume um novo significado. Sobre a cruz, Jesus é realmente pobre - despojado de suas roupas, de sua dignidade e finalmente de sua vida. Ele abandona tudo quando entrega sua vida ao Pai. Maria partilha com Ele esta experiência, ela também conhece a pobreza em todas as suas dimensões. Aqui ainda, podemos buscar a inspiração nas *Instruções sobre os votos*:

*“Do Filho de Deus, os Fundadores nunca separam Maria, sua Mãe, em quem as Filhas da Caridade podem contemplar: “a serva humilde e fiel dos desígnios do Pai, **modelo dos corações pobres...**”* (Instrução pág. 81).

O voto de pobreza também implica este desejo de um total abandono interior dos recursos pessoais para ter somente o Senhor como posse. Ele se torna tudo para nós. Todo o resto nos é retirado, mas quando nos damos ao Senhor, temos o suficiente. Lembremo-nos deste versículo do Salmo 22: *“O Senhor é o meu pastor, nada me faltará”*. Nosso voto pobreza expressa esta verdade.

A pobreza é também uma expressão do exterior do nosso ser. É a maneira como vivemos, na simplicidade e sem busca desnecessária. Vicente nos chama a viver sem muitos recursos. Estes devem ser voltados para o serviço dos pobres e daqueles que realmente estão precisando. A pobre Filha da Caridade fica satisfeita em ter o suficiente, e talvez até mesmo, menos que o suficiente. Ela expressa a simplicidade por suas escolhas e suas orientações. É tão difícil viver o voto de pobreza, de permitir que a situação dos pobres seja a referência de nossas necessidades? Devemos contemplar a pobreza de Jesus em sua vida pública e em sua morte na Cruz; meditar sobre a pobreza de Maria ao longo de toda a sua vida e aos pés da cruz e escutar as exortações de Vicente e de Luísa para viver com simplicidade e com generosidade. Todos eram ricos dos dons de Deus, mas pobres

em posses deste mundo. Eles são belos modelos de inspiração e orientação quando nos examinamos sobre nossa maneira de viver o voto de pobreza.

A OBEDIÊNCIA

A obediência é uma virtude que reside profundamente em uma pessoa e se expressa em seu comportamento exterior. Ela não exige somente fazer o que lhe é pedido, mas também de submeter nossa vontade à vontade da pessoa a quem se obedece livremente. Isto se produz graças ao dom do Espírito Santo: “*O Espírito Santo é o fundamento da liberdade cristã*” (Instrução, pág. 92). A Instrução sobre os votos ensina que:

“Participando do desígnio de Amor do Pai pelo ‘Sim’ da obediência, a Filha da Caridade encontra a paz interior e participa ‘da felicidade dos bem-aventurados’, segundo a expressão de São Vicente. Ela testemunha assim, junto dos pobres, a verdadeira libertação trazida por Cristo” (Instrução pág. 92)

Quando olhamos Maria aos pés da cruz, olhamos para aquela que, através da obediência, entregou toda sua vida a Deus, até aquele momento crucial. A obediência expressa que o mais profundo do seu ser está voltado para o Senhor. Ela o manifesta em toda sua plenitude através do “Fiat” na Anunciação. Mas este não é o único momento em que ela se apresenta como modelo de obediência. Nas bodas de Caná, Maria diz aos que estavam servindo: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”; quando ela dá um conselho, ela orienta para a obediência. Aos pés da Cruz, tendo o corpo de seu Filho em seus braços, sua atitude nos sugere até onde pode ir a obediência. Quando ela e José, após três dias, encontram Jesus adolescente no Templo, este lhes diz: “*Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*” (Lc 2, 49). Maria sabe que a Cruz é o sinal de que Ele assume as “coisas” do Pai. Um dia, Jesus descreveu sua mãe em termos de obediência: “*Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã, minha mãe*” (Mc 3, 35). A obediência de Maria em cada acontecimento se expressa até o fim de sua vida. Ela nos oferece a oportunidade de refletir a importância da obediência em nossa vida e nos questiona sobre nossa maneira de obedecer. Ela nos oferece o fundamento de nossa meditação. A *Instrução dos Votos* afirma:

“Associando seu dom total a Deus para o Serviço dos Pobres ao “sim” de Maria, as Filhas da Caridade consagram-se com Ela ao Desígnio de Amor do Pai, realizado em Jesus Cristo e continuado, hoje, pela Igreja” (Instrução pág. 101).

Vicente nos oferece a oportunidade de refletir sobre a maneira como a obediência se expressa. A imagem que o apresenta como um homem de ação, revela seu empenho em assumir a Vontade de Deus em sua vida. Seu lema: “*O Senhor me enviou para proclamar a Boa Nova aos pobres*” destaca que seu ministério foi realizado pela obediência a Deus. Quando Luísa busca a inspiração para formular o espírito das Filhas da Caridade, ela a encontra no texto de São Paulo: “*A Caridade de Jesus Crucificado nos impele*”. A ênfase é dada ao fato de ser impulsionada por Deus para agir. Quando Vicente e Luísa agem, jamais é para realizar seus próprios desígnios. Eles se colocam sob a conduta daqueles que, em seu tempo, têm a responsabilidade do mundo e, se esforçam sempre em discernir para onde Deus quer conduzi-los, assim como os seus discípulos. Para responder à Divina Providência, eles se referem à maneira como os desígnios de Deus se manifestam.

Vicente conhece o significado da obediência, ele fala dela muitas vezes, aos seus filhos e filhas. Por obediência, a Companhia e a Congregação da Missão foram capazes de servir os pobres: obedeceram à Vontade de Deus tal como tinham compreendido na oração, na reflexão, na condução de seus superiores e de seus diretores e dos ensinamentos da Igreja. A obediência os conduziu a servir os pobres de maneira concreta e efetiva. Tal era o Evangelho que Vicente pregava e vivia; tal é a mensagem pela qual Luísa une-se a ele em uma missão fiel e alegre.

Pelo voto de obediência, consagramos nossa vida a Deus. Não abandonamos nossa liberdade, pois escolhemos livremente seguir um caminho comunitário para o bem de todos e o serviço dos pobres. Reconhecemos os benefícios da liderança, da força da cooperação e da colaboração, da necessidade de constância. Cremos que a verdade que supõe todo exercício de autoridade legítima é a sabedoria e a autoridade de Deus. A *Instrução* sobre os votos afirma claramente:

“A obediência das Filhas da Caridade tem a sua raiz na obediência batismal e desenvolve-se totalmente na fé, que é a adesão a Deus e à sua Palavra” (Instrução, pág. 87).

Assim, nossa obediência é sempre impulsionada para a ação como uma resposta à Vontade de Deus, tal como conseguimos conhecê-la e concebê-la.

Em nossa opção pela renovação, consagramos nossa vida pelo voto de obediência que escolhemos viver.

A CASTIDADE

O parágrafo de abertura da *Instrução* resume o essencial do que é a castidade para nós:

“Resposta de amor a um apelo de amor, a castidade perfeita no celibato por causa do Reino dos Céus liberta o coração da Filha da Caridade, para que possa inflamar-se cada vez mais de Amor a Deus e aos Pobres” (Instrução, pág. 44).

Como as outras virtudes e os outros votos, a castidade deve ser compreendida ao mesmo tempo em sua expressão interior e exterior. O respeito que devemos ter por nós mesmos e pelos outros é essencial para a vida consagrada através dos votos. A castidade deve, portanto, ser tratada no contexto do amor humano e da vida que a pessoa consagrada abraça pelo Reino de Deus.

A castidade de uma pessoa se manifesta pela pontidão em doar sua vida por amor aos outros sem relação exclusiva. Jesus manifestou este amor morrendo por nós: *“Não há maior prova de amor do que doar a vida por seus amigos”* (Jo 15, 13). A imagem da Pietá nos lembra esta verdade e apresenta o amor maternal que entrega aquilo que mais ama. Ela colocou Jesus no mundo e no-Lo dá para a nossa salvação. Ela foi advertida por Simeão, que seu coração seria atravessado por uma espada (Lc 2, 35). Quando Maria carrega o corpo de Jesus aos pés da Cruz, podemos nos perguntar se em seu pensamento, ela faz memória desta profecia de Simeão, cujo simbolismo ela compreende agora. Seu amor não estava centrado em suas próprias necessidades, mas sobre aquelas de seu Filho e das outras pessoas. A *Instrução* descreve assim:

“A Virgem Maria foi perfeitamente pura porque Se entregou sem reservas a Deus. Sua vida inteira se passou na intimidade de Cristo. Esta vida pessoal, em união íntima com Ele, é a força, a doçura e a riqueza de nossa castidade” (Instrução, pág.56).

O amor de Maria era um amor verdadeiramente casto pelos outros e pelo Reino de Deus como o revelou Jesus. Ela nos oferece esta verdade como exemplo.

No amor casto, os outros são evidentemente importantes e devemos estar vinculados a uma comunidade para vivê-lo plenamente e com criatividade. Maria, aos pés da cruz, recebe o discípulo amado como seu filho. Ela está presente no Cenáculo à espera do Espírito Santo. Com a Comunidade, ela prepara o acontecimento de Pentecostes (Atos 1, 14). Sua atenção está centrada nas necessidades da Igreja.

Na Basílica de São Pedro, a imagem de Vicente expressa um amor que caracteriza a castidade em sua forma exterior. Vicente avança com dinamismo para a missão. A *Instrução dos Votos* fala sobre isto com relação às Filhas da Caridade:

“Consagrando a Deus toda a sua capacidade de amar, as Filhas da Caridade testemunham que, desde agora, o Seu amor é capaz de lhes preencher a vida. Deste amor, elas dão testemunho aos Pobres, amando-os e servindo-os com o mesmo amor com que Deus as ama” (Instrução pág. 54)

O carisma das Filhas da Caridade *“exige constantemente abertura e presença no mundo”* (C. 29b). O desafio deste estilo de vida missionário exige, certamente, um compromisso sério com a oração e com os sacramentos, um estilo de vida equilibrado, um espírito comunitário forte, um diálogo e uma comunicação regular no seio da Companhia (*Instrução*, págs. 55-56). Graças a isto, quando uma Filha da Caridade faz votos para viver uma vida casta e mais autenticamente possível, ela pode ser confrontada com suas próprias fragilidades, ao mesmo tempo que busca sua força naquele que a ama e em suas Irmãs que também a amam.

O SERVIÇO CORPORAL E ESPIRITUAL DOS POBRES

O voto de serviço de Cristo nos pobres é essencial para a identidade de uma Filha da Caridade, pois é a partir deste voto que se orientam todos os outros e que lhes dá uma importância particular. Ao examinarmos os votos de pobreza, obediência e castidade, vimos como eles conduzem a Filha da Caridade a consagrar toda a sua vida ao Cristo, centrando tudo, no serviço para o bem dos pobres. As Constituições expressam explicitamente esta verdade:

“Para servir Cristo nos pobres, As Filhas da Caridade comprometem-se a viver sua consagração batismal pela prática dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência que recebem deste serviço seu carácter específico” (C. 27)

Uma Filha da Caridade não pode falar com convicção de seu amor pelos pobres, se não aderiu aos valores pessoais e comunitários que favorecem o serviço dos pobres. O dinamismo dos votos se torna explícito na convicção de fé e na ação externa do serviço de Cristo nos pobres.

CONCLUSÃO

Os sacramentos sempre fizeram parte da prática cristã. Elementos como água benta, terço, medalhas, imagens e estátuas são utilizadas para dar uma forma material a nossa devoção, para atrair nossa mente para aquilo que representam estes objetos. Grandes obras de arte podem também nos atrair. Produto do talento humano, elas ilustram o dom de Deus e nos convidam à reflexão. A Pietá é uma destas grandes obras de arte que nos faz meditar sobre o que Maria experimentou na morte de Jesus. Esta obra nos introduz na contemplação das virtudes da bem-aventurada Mãe de Deus.

A imagem de São Vicente realizada por Bracci suscita uma compreensão e uma apreciação diferentes, mas significativas na importância da ação e da proclamação em nome do Evangelho. Estas obras de arte me deram um ponto de partida para a preparação da Renovação. Na Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, podemos também nos maravilhamos com a presença da Virgem Maria, de Santa Luísa, de Santa Catarina e do coração de São Vicente. Todos estes elementos evocadores nos dão matérias para reflexão.

Comecei esta conferência invocando o modelo de peregrinação. Uma peregrinação é tanto, ou ainda mais que isto, um caminho interior quanto exterior. Este ano, somos especialmente convi-

dados a aprofundar a nossa fé. A natureza da peregrinação implica um tempo, um lugar, um ato e um objetivo sagrado. Nosso esforço neste dia pode ilustrar estes elementos. Trata-se de:

- um tempo sagrado que reservamos para fazer nosso engajamento seriamente;
- um lugar sagrado em muitos aspectos, mas talvez o mais importante, porque estamos reunidos como Companhia para preparar e realizar este ato;
- um ato sagrado porque pronunciaremos palavras que envolvem todo o nosso ser, quando prometemos viver por Deus na pobreza, castidade e obediência;
- um objetivo sagrado: dar-mo-nos totalmente ao serviço dos pobres por um ano. Isto pode ser um dia de peregrinação para nós.

No final de uma peregrinação, damos-nos a Deus na fé. Este deve ser o objetivo de toda caminhada cristã. A expressão perfeita deste dom de si, nestes dias, é a Renovação de nossos votos na simplicidade e no fervor. Podemos pedir esta graça pela inspiração do Espírito Santo e a intercessão da Virgem Maria.

Padre Patrick GRIFFIN, cm
Diretor geral

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

Reconhecemos o enriquecimento mútuo que conduz a aceitação interior e exterior dos votos? Vivendo fielmente os votos, somos ajudadas pela compreensão de seu significado? Contemplando seu significado, somos conduzidas a uma maior fidelidade de vida?

Neste tempo Pascal, o sofrer e morrer com o Cristo, nos conduziram a uma maior consciência das possibilidades de ressurreição e de vida nova para nós, ao mesmo tempo em que somos convidadas a dizer novamente “Sim” ao Senhor, em uma promessa que envolve todo o nosso ser na Renovação?

Refletamos sobre a maneira com que Maria teve que renovar sua aceitação da Vontade de Deus, através das diversas experiências da vida. Podemos buscar e aceitar seus conselhos e sua intercessão em nosso próprio engajamento com a Vontade de Deus?

Vicente e Luísa tinham uma verdadeira compreensão da necessidade das “idas e vindas” no carisma da Companhia. Estamos prontas para assumir novamente este compromisso dinâmico e estimulante do serviço aos mais pobres na missão que nos foi confiada?

Viver os votos é um apelo cotidiano. Estamos prontas a deixá-los nos renovar, mais uma vez, com alegria, ao mesmo tempo que eles nos orientam e nos guiam para um autodomínio e uma vida de união com nossas Irmãs em vista da missão?

PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Dia da Renovação dos Votos, 8 de abril de 2013

**O Senhor confia aos seus anjos
a missão de nos guiar:
A Renovação anual e
a Renovação dos votos 2013**

“O Senhor é o teu refúgio...nenhum mal te atingirá... Porque Ele mandará aos seus Anjos que te guardem em todos os teus caminhos” (Sl 90, 9-11)

A Renovação anual e a renovação dos votos hoje é um momento importante que se insere na tradição da Companhia das Filhas da Caridade. Esta aventura única nos lembra nossa necessidade de constante conversão ao Cristo e aos pobres. Na oração cotidiana, São Vicente e Santa Luísa se voltaram para o Pai, buscando Jesus na Palavra e na Eucaristia e servindo-O nos pobres. Eles nos transmitiram as virtudes vicentinas que nos unem a Deus e aos outros, para vivermos os votos como discípulos de Jesus.

Não é fácil viver os votos como discípulos de Jesus. No mundo atual devemos enfrentar numerosos desafios para viver nosso compromisso. Muitas vezes, podemos estar divididos entre as maneiras de viver do mundo e as exigências da vida comunitária ou apostólica. Isto pode levar à tentação de crer que nossa vida espiritual, nossos votos e nosso trabalho dependem unicamente de nós, associado à autosuficiência e à ideia que podemos ser nosso próprio salvador. Este é o maior embuste do mestre da mentira.

Todos os anos, no primeiro domingo da Quaresma, o evangelho da tentação de Cristo é proclamado. Vou utilizá-lo como imagem para nossa reflexão de hoje, pois ele nos lembra que o próprio Filho de Deus foi tentado. Após a experiência de seu batismo, Jesus foi “conduzido” ao deserto onde passou quarenta dias. E a maneira como Jesus enfrentou estas três tentações pode orientar-nos para fazer a Vontade de Pai.

Conhecemos bem esta passagem da tentação de Jesus, segundo os três primeiros evangelistas. O relato mais curto, com dois versículos, está em Marcos, onde se pode ler: *“Em seguida o Espírito impeliu Jesus para o deserto. E Jesus ficou no deserto durante quarenta dias e ali foi tentado por Satanás. Jesus vivia entre os animais selvagens e os anjos serviam-no”* (Mc 1, 12-13) Lucas e Mateus oferecem um citação mais detalhada, mas com aspectos diferentes, porém, ambos chegam a mesma conclusão: Jesus resiste a Satanás e reafirma sua identidade de Filho de Deus. Agindo assim, ele nos mostra como enfrentar e vencer a tentação.

O diabo encontra Jesus num momento em que Ele está vulnerável: cansado e com fome. É assim que o “tentador” age: quando não estamos vigilantes, ele nos manipula para que duvidemos de nós mesmos, de nossas decisões, ou das orientações de nossa vida. As três tentações que Satanás faz a Jesus, não se referem somente à fome, ao poder e à dominação. Estas são maneiras disfarçadas de conduzir Jesus ao rompimento de sua relação com o Pai, através da desconfiança, da rejeição e da desobediência.

Apesar de sua condição enfraquecida, Jesus demonstrou uma confiança tranquila, pois está imbuído das Escrituras. Ele não hesita, e se apoia na Palavra de Deus que o alimenta e o conduz. Jesus tem fome e Satanás lhe propõe transformar as pedras em pão. Ele faz de tudo para que Jesus perca a confiança no Pai. O pão proposto pelo demônio vai saciá-lo apenas por algumas horas, enquanto a Palavra de Deus saciará sempre sua fome e o fará sobreviver a qualquer fome. Ele tem uma profunda consciência de que tudo o que ele possui, vêm da parte de Deus.

Novamente, Satanás tenta enganar Jesus apresentando-lhe o panorama de tudo o que Ele poderia obter se o adorasse. Mas, Jesus sabe que tudo isto é ilusão: os reinos se levantam e se desmoronam ao longo da história; a autoridade concedida é facilmente revogada, um coração dividido rejeita Deus. Jesus responde a esta promessa vazia com uma afirmação da Escritura: *“Adorarás o*

Senhor Teu Deus e somente a Ele servirás” (Dt 6, 13). A simplicidade de Jesus triunfa sobre o orgulho.

Agarrando-se desesperadamente à sua última esperança, Satanás tenta afastar Jesus de seu Pai, utilizando a Palavra de Deus. Ele tenta Jesus colocando-o em nível de igualdade ou mesmo acima do Pai, mas, Jesus não se deixa impelir pela desobediência, e como prova de sua suprema lealdade, responde: “*A Escritura diz: Não tentarás o Senhor teu Deus*” (Dt 6, 16). Uma maravilhosa imagem nos é deixada: os anjos que servem Jesus.

Tendo esgotado todas as tentações possíveis, Satanás se afasta e os anjos se aproximam para servi-Lo.

Esta última frase me permite imaginar: o que os anjos fizeram por Jesus? E quanto a nós, quando estamos sob a influência da sedução de Satanás, tentados pela desconfiança, pela rejeição de Deus, pela desobediência à Igreja, à Companhia ou aos pobres, onde estão os anjos?

Minhas queridas Irmãs, tenho uma boa notícia: encontrei três anjos que estão sempre disponíveis, e vou lhes dizer seus nomes: são a **humildade**, a **simplicidade** e a **caridade**. Estas três virtudes nem sempre são reconhecidas por tudo o que realizam. Mas, quando nos conscientizamos delas, criam na alma, na comunidade e com os pobres que servimos uma atmosfera semelhante a de um anjo. Elas nos ajudam a aderir ao Senhor, às Irmãs e aos pobres. Estas virtudes, vividas por Jesus, foram recomendadas por São Vicente: “*Do mesmo modo quer Deus que as Filhas da Caridade se apliquem particularmente à prática da humildade, da caridade e da simplicidade*” (Conf. de 9 de Fevereiro de 1653, pág. 391). Peço-lhes que imaginem estas virtudes como anjos, ou como três maravilhosas Irmãs.

A primeira: a **Irmã Humildade** é calma, consciente e confiante. Ela sabe que deve “*dar graças pelos dons recebidos de Deus e colocá-los a serviço dos outros, reconhecer seus próprios limites e suas necessidades de conversão*”. Para ser eficaz, ela deve “*manter-se próxima e disponível junto às Irmãs e aos pobres, em atitude de servas*” (C.18a). A humildade não consiste em considerar-se inferior aos outros, mas, em pensar menos em si. É uma presença angélica com a qual se pode contar. Para o próximo ano, peço-lhes que acolham a Irmã Humildade em seu coração, em sua casa e em suas tarefas quotidianas.

A segunda: a **Irmã Simplicidade** é totalmente coerente com suas palavras e suas ações. Como o discípulo de Jesus, ela é aquela em quem não podemos encontrar nenhuma duplicidade. Ela “*busca, ama e defende a verdade, sobretudo nas situações de injustiça*” e “*age com transparência, autenticidade e coerência nas palavras e na vida*” (C.18b). Atualmente, existe no mundo e na Igreja um grande desejo por mais simplicidade. Alguns a consideram como uma “*espécie em vias de extinção*”. Na vida da Companhia, São Vicente deu-lhe um lugar inevitável: “*Quanto a mim deu-me Deus um grande amor à simplicidade, a que chamo o meu evangelho*” (Conf. de 24 de fevereiro de 1653, pág. 397). Para o ano que vem, peço-lhes para acolher a Irmã Simplicidade em seu coração, em sua casa e em suas tarefas quotidianas.

Enfim, a **Irmã Caridade**, ela irradia o amor e uma alegria pacífica e irrepreensível. Sua virtude reside no bem que ela suscita nos outros. Ela nos mostra que fomos criados pelo Deus de amor e que cada ação de nossa vida é uma resposta a este amor. A Irmã Caridade “*faz amar a Deus de todo o coração; cria a comunhão entre as Irmãs, impulsiona a servir os pobres e ajuda a realizar a vocação de filhas de Deus*” (C.18c). Ela é descrita por São Vicente como “*uma admirável mestra*” que não busca nada para si mesma. Para o próximo ano, peço-lhes que acolham a Irmã Caridade em seu coração, em sua casa e em suas tarefas quotidianas.

Descrevo estas três virtudes vicentinas como Irmãs, pois pensei que se eu as deixasse sob os aspectos de anjos, poderiam parecer muito exotéricas. Na Bíblia, os anjos são um sinal do amor de Deus e uma presença constante entre nós. Acontece o mesmo para estas três virtudes: elas lhes dão suporte para viver os votos de pobreza, castidade e obediência que hoje, vocês renovaram. São meios concretos para ajudá-las a viverem como discípulas de Jesus e a progredir no carisma vicentino. Assim como os votos, elas lembram que tudo o que vocês são e o que fazem, é por Deus, pela Companhia e pelos pobres.

Às vezes, quando vocês observam a situação no mundo, na Igreja, ou até mesmo na Companhia podem sentir-se esmagadas pelo peso dos desafios e correr o perigo de desanimar. É a tentação que devemos absolutamente evitar. Jesus enfrentou as três tentações de Satanás, fortificado pela Palavra de Deus e enraizado no amor do Pai. É isto o que devemos fazer. A citação de Lucas termina com uma observação que não parece tão boa: “*o diabo afastou-se de Jesus, para voltar em tempo oportuno*” (Lc 4, 13). Lucas quis nos prevenir que o diabo voltaria para causar mais danos. Mas, não importa - Jesus jamais recuou, nem Vicente, nem Luísa. Nós também não devemos recuar.

O Tempo da Páscoa é “uma primavera da alma”. Somos o povo da Ressurreição que partilha o triunfo de Cristo, do bem sobre o mal, da vida sobre a morte, da salvação sobre o pecado. Que esta Renovação dos votos possa renová-las em seu interior e as faça viver os votos e as virtudes com mais fidelidade e audácia. Como o Papa Francisco disse, por ocasião da inauguração de seu ministério petrino: “*Também hoje, perante tantos pedaços de céu cinzento, há necessidade de ver a luz da esperança e de darmos a nós mesmos esperança... é abrir um rasgo de luz no meio de tantas nuvens, é levar o calor da esperança!*” (19 de março de 2013).

Ao longo deste ano, acolhendo em seu coração, em sua casa e em suas tarefas cotidianas estas Irmãs “angelicais”: a Irmã Humildade, a Irmã Simplicidade e a Irmã Caridade, peço-lhes que continuem a ser luz e chama de esperança para a Igreja, para Companhia e para os pobres aos quais estão a serviço.

Padre Gregory GAY, cm
Superior geral

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Um coração indiviso: o Serviço e a Eucaristia

A Eucaristia está no centro da vida cristã. Quem decide consagrar sua vida com o coração indiviso encontra na Eucaristia, comunidade de irmãos, a Palavra e o alimento que tornam Jesus presente em nosso meio. O documento da Igreja *Vita Consecrata* fala com firmeza sobre o papel da Eucaristia em nossas vidas:

“Em primeiro lugar, a Eucaristia, onde ‘está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo’. Coração da vida eclesial, a Eucaristia o é também da vida consagrada. A pessoa chamada, pela profissão dos conselhos evangélicos, a escolher Cristo como sentido único da sua existência, como poderia não desejar instaurar com Ele uma comunidade cada vez mais profunda por meio da participação diária no Sacramento que O torna presente, no sacrifício que atualiza o seu dom de amor do Gólgota, no banquete que alimenta e sustenta o Povo de Deus peregrino? A Eucaristia, por sua natureza, está no centro da vida consagrada, pessoal e comunitária. É viático cotidiano e fonte da espiritualidade do indivíduo e do Instituto. (...)E

na celebração do mistério do Corpo e do Sangue do Senhor se consolida e incrementa a unidade e a caridade daqueles que consagraram a Deus a sua existência”(VC 95).

Hoje, vamos refletir sobre a importância do serviço e sua expressão na teologia da Eucaristia: alimentados pelo Sacramento do Altar, escolhemos servir com um coração indiviso.

Ao longo dos meus quinze meses de ministério às Filhas da Caridade, acho que nenhuma outra passagem das Escrituras tenha aparecido mais frequentemente em minhas conferências do que aquela que fala sobre lavar os pés. Tenho refletido sobre dois acontecimentos: quando os pés de Jesus são lavados pela, assim chamada, mulher pecadora e quando o próprio Jesus lava os pés dos seus discípulos na Última Ceia. Tenho usado esses dois eventos em minhas reflexões para falar sobre o serviço da hospitalidade e da acolhida, da dignidade do trabalho, do chamado ao serviço, da necessidade de respeito àqueles a quem servimos e das responsabilidades da obediência e autoridade.

No Novo Testamento existem quatro relatos sobre a Instituição da Eucaristia: um em Mateus, um em Marcos, um em Lucas e outro em Paulo (1Cor 11,17-34). Não há uma narrativa da Instituição da Eucaristia no evangelho de João, que identifique o pão e o vinho com o corpo e o sangue de Cristo, mas João nos conta a história do Lava-pés dos discípulos - que só se encontra no seu evangelho. A pergunta que devemos fazer é: por que João fez isso? Não é possível que ele não conheça a origem da Eucaristia na Última Ceia, pois, uma grande parte da teologia da Eucaristia é encontrada no capítulo seis, deste mesmo Evangelho: o “discurso sobre o Pão da Vida”. Primeiro, devemos nos perguntar: o que João está nos ensinando sobre a natureza da Eucaristia através deste relato dos acontecimentos da Última Ceia? O que o Espírito Santo diz nesta circunstância sobre o sacramento que é “a fonte e o centro de toda vida cristã” (*Lumen Gentium*, 11)?

1 - A EUCARISTIA E O LAVA-PÉS: SÍMBOLO DO SERVIÇO

Talvez a lição mais clara relacionada com o lava-pés seja a do serviço. Ela é demonstrada na ação de Jesus e na missão que dá aos seus discípulos, quando termina de realizar sua tarefa. Sabemos como transcorre a cena: Jesus lava os pés de todos os discípulos - inclusive de Judas. Esta atividade deve ter levado um certo tempo e esforço, mas Jesus a realiza completamente. Então, depois de ter lavado todos os pés - e respondendo a objeção de Pedro - Jesus fala aos discípulos sobre o que ele fez:

“Depois de lhes lavar os pés e tomar as suas vestes, sentou-se novamente à mesa e perguntou-lhes: Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes estas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes” (Jo 13,12-17)

A lição é clara: se alguém decide seguir Jesus, deve imitá-Lo, entre outras coisas, servindo aos irmãos e irmãs. O lava-pés é um símbolo de serviço e os discípulos são chamados a fazer o mesmo. Observem no relato da Instituição da Eucaristia, como os discípulos são convidados a lembrar-se de Jesus: “*Fazei isto em memória de mim*”; observem também como são convidados a lembrar-se de Jesus no lava-pés: “*Como eu vos fiz, assim fazei também vós*”. O foco recai sobre como os discípulos devem lembrar-se de Jesus e de suas palavras. Certamente, devem encontrá-Lo presente no meio deles nas espécies eucarísticas, mas também devem lembrar-se dele a partir das experiências que tiveram com Ele; na comunidade que se reúne e que é servida; devem lembrar-se

dele na partilha do pão e do vinho que se torna o Corpo e Sangue e que os alimenta para cuidar uns dos outros. Devem lembrar-se dos seus ensinamentos que encontram sua expressão na ação.

Na narrativa da Última Ceia, no Evangelho de Lucas, Jesus acaba de Instituir a Eucaristia - identificando o pão e o vinho com seu corpo e sangue partilhando-os com os discípulos; em seguida, uma disputa explode entre os discípulos; isto parece inacreditável

“Surgiu também entre eles uma discussão: qual deles seria o maior. E Jesus disse-lhes: Os reis dos pagãos dominam como senhores, e os que exercem sobre eles autoridade chamam-se benfeitores. Que não seja assim entre vós; mas o que entre vós é o maior, torne-se como o último; e o que governa seja como o servo. Pois qual é o maior: o que está sentado à mesa ou o que serve? Não é aquele que está sentado à mesa? Todavia, eu estou no meio de vós, como aquele que serve” (Lc 22, 24-27).

Nesta passagem de Lucas esta querela dos discípulos faz sombra ao significado do Lava-pés, pois, acontece o inverso do que Jesus desejou. Jesus veio para servir e seus discípulos devem doar-se também ao serviço dos irmãos. A Celebração Eucarística leva a esta resolução. Nós nos reunimos para sermos instruídos, fortalecidos, e depois, enviados para o serviço dos irmãos. Jesus está presente em cada uma destas etapas e se torna o centro de nossa celebração.

A relação entre Eucaristia e serviço está clara no relato do evangelho de João. Pode-se também encontrá-la nos relatos eucarísticos da multiplicação dos pães e dos peixes, quando os discípulos são enviados por Jesus para distribuir o pão que ele abençoou. Viver como Jesus, é viver uma vida de serviço e, especialmente, de serviço aos mais necessitados.

2 - A EUCARISTIA: O BANQUETE DOS POBRES ONDE TODOS SÃO IGUAIS

Na tradição cristã, a Eucaristia é lembrada como a Ceia Pascal dos judeus. Era uma refeição celebrada pelo povo de Israel que tinha sido escravo no Egito e que suplicou ao Senhor a libertação. O Senhor os libertou e, na noite anterior a este evento, eles celebraram a ceia pascal com pães sem fermento e o cordeiro sacrificado. Era a época da colheita da cevada. O pão ázimo é o pão dos pobres - frequentemente mais barato e duro do que os demais pães feitos de outros grãos. A comemoração desta libertação da escravidão é realizada na Ceia Pascal.

Lembraremos disso na história da multiplicação dos pães e dos peixes (Mc 6, 30-44; 8, 1-10; Mt 14, 13-21; 15, 32-39; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-14). Jesus tinha curado os doentes, expulsado demônios e pregado para a multidão. Então, tomado de compaixão por ela e não querendo mandá-la embora com fome, decide alimentá-la. Na história do evangelho de João, os pães de cevada - baratos e duros - aparecem também como uma menção à Ceia Pascal:

“Aproximava-se a Páscoa, festa dos judeus. Um dos seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe: Está aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixes... mas que é isto para tanta gente?” (Jo 6,4; 8-9).

Mais uma vez, o povo é alimentado com o pão dos pobres e libertado da sua fome, além de usufruir das palavras de Jesus e da cura que traz à comunidade.

Todos são iguais neste cenário. Quando Paulo conta a história da Instituição da Eucaristia, ele o faz em um contexto de censura à comunidade por não se lembrar dos pobres ao celebrar a Ceia do Senhor.

“Desse modo, quando vos reunis, já não é para comer a ceia do Senhor, porque, mal vos pondeis à mesa, cada um se apressa a tomar sua própria refeição; e enquanto uns têm fome, outros se fartam. (1Cor 11, 20-21).

Assim, Paulo lembra à comunidade sua igualdade no contexto Eucarístico. Os ricos não podem ser favorecidos e os pobres não podem ser ignorados nesta refeição que faz memória do Senhor, que morreu por todos. Mas, isto é indicado com vigor na carta de Paulo a Filemon. Nesta carta, a comunidade cristã deve reconhecer, inclusive, a igualdade dos escravos cristãos no banquete eucarístico. Todos são bem-vindos, sem distinção, na mesa Eucarística. As necessidades de cada um devem ser avaliadas e incluídas na celebração da comunidade.

Na Eucaristia, é celebrada a unidade de toda a comunidade cristã. No Evangelho de São João, Jesus ressalta este fato na Última Ceia com o gesto do Lava-pés. Ele, que é Mestre e Senhor, assume o papel de servo e cuida das necessidades dos seus discípulos - de todos os seus discípulos: daqueles que fugirão e também daqueles que permanecerão firmes. Todos os discípulos, inclusive Judas e o relutante Pedro, têm seus pés lavados e são avisados, sem meias palavras, que devem estar prontos para lavar os pés uns dos outros.

Vemos aqui, como na Eucaristia, podemos aprender a servir nossos Senhores e Mestres, os pobres. Eles ocupam o mesmo lugar e mesmo um lugar de honra neste banquete, onde a comida dos pobres é servida, onde os famintos e aflitos são nutridos e onde o Mestre lava os pés dos servos assim como os dos mestres. Podemos ouvir a instrução de Luísa e Vicente sobre o cuidado de nossos “Senhores e Mestres” surgindo claramente neste contexto.

3 - A EUCARISTIA: DEIXAR-SE INSTRUIR PELA PALAVRA DE DEUS

Nos relatos da multiplicação dos pães e dos peixes, Jesus está ensinando o povo que foi escutá-Lo.

“Naqueles dias, como fosse novamente numerosa a multidão, e não tivessem o que comer, Jesus convocou os discípulos e lhes disse: Tenho compaixão deste povo. Já faz três dias que estão comigo e não têm o que comer. Se os despedir em jejum para suas casas, desfalecerão no caminho; e alguns deles vieram de longe! Seus discípulos responderam-lhe: Como poderá alguém fartá-los de pão aqui no deserto? Mas ele perguntou-lhes: Quantos pães tendes?” (Mc 8, 1-5)

Jesus se sente responsável por essas pessoas que vieram escutá-Lo. Ele quer ensiná-los e saciar sua fome. Ele convoca os discípulos para esta tarefa, mas eles se sentem incapazes de assumi-la: quantos pães tendes? Jesus sempre começa com o que é possível. Ele quer que seus discípulos olhem o que podem fazer e oferecer. Jesus abençoa os dons oferecidos, e com estes dons poderá alimentar a multidão com abundância. O mesmo poderia ser dito em relação ao alimento por sua Palavra. Ele não dá ao povo apenas o suficiente, mas uma abundância de ensinamento e lições.

Depois, através de seu discurso sobre o Pão da Vida, Jesus convida seus discípulos a meditar sobre este acontecimento, a refletir sobre ele a partir de suas questões e de suas ações. Os discípulos precisam compreender este ensinamento de Jesus para vivê-lo. Devemos também transmiti-lo aos outros. Lembremo-nos do que Jesus ensinou aos discípulos de Emaús, quando lhes interpreta as Escrituras, esta Palavra os tocou profundamente.

“Diziam então um para o outro: Não se nos abrasava o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32).

A mensagem de Jesus é profunda e dá uma orientação aos discípulos. Na celebração Eucarística esta mesma Palavra é anunciada (cf. Atos 20, 7-12).

Luísa lembrava a importância da meditação da Palavra de Deus.

“Uma vez de pé, farei imediatamente a oração (durante) meia hora ou três quartos; tomarei o tema dos Santos Evangelhos e das Epístolas uma hora inteira.” (LM, Correspondência e Escritos, E. 7 (A.1), pág. 786)

E as Constituições atualizam esta atitude espiritual:

“lendo e meditando a Sagrada Escritura, Palavra viva e eficaz, aprofundam seu conhecimento da pessoa de Cristo e de sua atitude em relação aos humildes e oprimidos.” (C. 22a)

Por exemplo, no lava-pés, pode-se observar que Jesus coloca em prática suas palavras, depois, explica-lhes o sentido e os convida a fazer o mesmo.

“Depois de lhes lavar os pés e tomar as suas vestes, sentou-se novamente à mesa e perguntou-lhes: Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes estas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes” (Jo 13, 12-17).

Jesus não dá simplesmente uma mensagem para anunciar, mas uma ação que deveriam realizar. Eles foram chamados para servir na prática: “sereis felizes sob condição de as praticardes!”

Na Eucaristia, a Palavra é proclamada à comunidade cristã e, então, ela passa a existir na mente e no coração das pessoas que a ouviram. Mas, a escuta desta Palavra se realiza somente quando é colocada em prática. A Palavra de Deus só é Palavra de Deus quando ela se torna vida nas pessoas que a ouviram.

A Liturgia da Palavra expressa, portanto a maneira de realizar nossas ações. Existe também uma relação íntima entre a Palavra proclamada e a força que recebemos do Pão Eucarístico.

É muito importante o encorajamento dado às Filhas da Caridade para refletirem sobre as leituras da missa do dia seguinte: *“Pela leitura da Palavra de Deus, preparam a oração do dia seguinte”* (E. 3b). Quando Vicente escreve aos membros da Congregação da Missão, ele lhes dá um conselho específico sobre como deveriam se aproximar das Escrituras:

“... ler um capítulo do Novo Testamento, reverenciando este livro como a regra da perfeição cristã e, para um melhor proveito, esta leitura se fará de joelhos, com a cabeça descoberta, fazendo, ao menos no final, os três seguintes atos, sendo o primeiro adorar as verdades contidas neste mesmo capítulo; o segundo, se exercitar a entrar nos sentimentos pronunciados por Nosso Senhor e pelos Santos; e o terceiro: decidir-se à prática dos conselhos ou preceitos contidos aí e à imitação dos exemplos de virtudes que encontramos” (SVP, Regras Comuns da Congregação da Missão, 8).

Observem as atitudes sobre as quais Vicente insiste:

- reverência à Palavra de Deus: deve-se ler a Bíblia com uma atitude apropriada quando o próprio Deus nos comunica a Divina verdade, diante da qual permanecemos em atitude de humildade.
- um desejo de compreender corretamente estas verdades ensinadas por Jesus e pelos santos;

- uma determinação de aprender com a Palavra de Deus e a colocar seus ensinamentos em prática, tanto em ações quanto em virtudes.

Para Vicente, a questão é como colocar em prática a Palavra de Deus e o exemplo de Jesus. Ele deu a mesma orientação às Filhas da Caridade em seu serviço.

A pergunta que Jesus faz na narrativa joanina da Última Ceia é central: “*Sabeis o que vos fiz?*” Atualmente, em cada Eucaristia, podemos escutar estas questões: Vocês compreendem a mensagem desta Celebração Eucarística? A Palavra de Deus encontra lugar em sua vida? O lava-pés nos lembra nossa responsabilidade de aprender o que Jesus ensinou na Eucaristia e as Escrituras e como elas nos levam ao serviço dos pobres:

“Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua ruína” (Mt 7, 24-27).

A Palavra de Deus conduz sempre à ação, do jeito de Deus.

4 - A EUCARISTIA: RECEBER O CORPO E O SANGUE DE CRISTO PARA SE TRANSFORMAR NÉLE

Nós acreditamos que Jesus se torna presente entre nós nas espécies Eucarísticas. Um simples pão e vinho se tornam corpo e sangue de Jesus. Desta maneira, o Senhor Deus estabelece sua morada entre nós. Quando nos aproximamos para receber a comunhão, recebemos o Senhor sob a mais humilde das espécies, que se tornam alimento tanto para o nosso espírito como para o nosso corpo, e então nos transformamos em Cristo. Ele se torna a energia que nos dá vida e nos capacita para o serviço. Nós já ouvimos este tipo de ensinamento antes, mas como ele tem influenciado nosso pensamento?

As espécies eucarísticas são distribuídas à comunidade cristã e, teoricamente, todo pão e vinho consagrados, naquela Eucaristia, devem ser consumidos. Isto para simbolizar que o Corpo e o Sangue de Cristo, presentes nas espécies eucarísticas, continua presente entre nós, na comunidade cristã reunida. Nós somos o Corpo de Cristo e vamos para o serviço como Corpo de Cristo!

O Senhor escolheu se tornar presente entre nós de uma maneira particular: através do alimento. O Senhor poderia ter escolhido permanecer presente como um diamante, uma montanha ou o sol, mas não, ele escolhe simples elementos, como o pão e o vinho, base da alimentação de muitos seres humanos. Este alimento é feito para ser partilhado durante o banquete Eucarístico. Jesus escolheu tornar-se uma parte do que somos. Literalmente, nos tornamos Cristo ao consumir este simples alimento. Isto dá um significado particular à afirmação de Paulo na carta aos Gálatas: “*Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*” (Gl 2,20).

“Este é o pão que desceu do céu, para que não morra todo aquele que dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo.” (Jo 6, 50-51)

Receber as espécies Eucarísticas nos permite ser preenchidos por Cristo e nos tornarmos o Cristo presente no mundo, através das nossas ações e do nosso serviço. Podemos lembrar o famoso poema de Santa Teresa de Ávila:

“Cristo não tem sobre a terra nenhum outro corpo se não o teu; nem outras mãos senão as tuas; nem outros pés senão os teus. É através dos teus olhos que se expressa a compaixão de Cristo pelo mundo; através do teus pés Ele vai fazer o bem; através de tuas mãos Ele vai abençoar, hoje, a humanidade”.

5 - A EUCARISTIA: SER ENVIADO EM MISSÃO

No final da Eucaristia, os membros da comunidade cristã, que se reuniram como uma família, que escutaram a Palavra do Senhor e foram alimentados pelo Sacramento do Altar, são enviados em missão. Novamente, podemos retornar ao relato do lava-pés e o ensinamento que Jesus dá aos seus discípulos:

“... também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo... Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes estas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes” (Jo 13, 14-17).

A mensagem é clara. Como discípulos de Jesus, agora, somos enviados para realizar o ministério do serviço a seu exemplo. Este é o significado do mandamento que escutamos no final da missa: “Ide em paz e que o Senhor nos acompanhe para amar e servir”.

Depois disso, designou o Senhor ainda setenta e dois outros discípulos e mandou-os, dois a dois, adiante de si, por todas as cidades e lugares para onde ele tinha de ir. Disse-lhes: Grande é a messe, mas poucos são os operários. Rogai ao Senhor da messe que mande operários para a sua messe. Ide; eis que vos envio como cordeiros entre lobos. Não leveis bolsa nem mochila, nem calçado e a ninguém saudeis pelo caminho. Em toda casa em que entrardes, dizei primeiro: Paz a esta casa! (Lc 10,1-5).

O discípulo é chamado a viver uma vida a serviço, que é parte integrante da Celebração Eucarística. Observem que em todas as narrativas que falam da Última Ceia, depois de Jesus ter terminado de falar e comer com seus discípulos, Ele se levanta da mesa e começa sua jornada para a morte. Sua última refeição e instrução o fortaleceram para o serviço do sacrifício e da entrega de sua vida. Deve ser assim conosco também. Fortalecidos e instruídos pela Eucaristia, começamos nosso dia cuidando e servindo o outro. Recebemos esta força da Eucaristia e somos por ela enviados.

O ato de nos reunir para a Celebração Eucarística é um serviço que realizamos em benefício da comunidade cristã. Lemos em nossas *Constituições*:

“No louvor a Deus, na escuta de sua Palavra, na súplica, elas não agem somente em seu nome, mas trazem as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de toda a humanidade. Oferecem-se a si mesmas com o Senhor Jesus no memorial de sua Páscoa” (C. 19c).

Vocês entendem o que isso significa? Considero uma afirmação maravilhosa e um lembrete de nosso sacerdócio comum, a partir do Batismo e também, da maneira como vivemos este compromisso mais plenamente na vida consagrada. Tudo é uma questão de serviço. Uma Filha da Caridade participa da Eucaristia com uma atitude de louvor, de atenção às Escrituras e de súplica, pois, quando ela vem para a celebração, traz não somente ela mesma, mas toda a humanidade, especialmente os pobres. Ela carrega consigo as esperanças, os medos e as tristezas e as apresenta diante do Senhor. Isto é um verdadeiro serviço. E ela se oferece com Jesus e como Jesus fez pelo bem da família humana. Um dos serviços que a Filha da Caridade realiza em favor dos pobres é participar da Eucaristia, com atenção e reverência. Nós os trazemos ao altar. Este é um serviço de um coração indiviso.

CONCLUSÃO:

Nossas *Constituições* apresentam uma afirmação clara e simples do significado da Celebração Eucarística para uma Filha da Caridade:

“No louvor a Deus, na escuta de sua Palavra, na súplica, elas não agem somente em seu nome, mas trazem as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de toda humanidade. Oferecem-se a si mesmas com o Senhor Jesus no memorial de sua Páscoa” (C. 19c).

O foco específico do significado desta celebração enquanto convocação para o serviço foi esclarecido em cada um dos elementos destacados nesta conferência. Na Eucaristia, somos todos iguais. Pela Palavra recebemos uma orientação para a vida e para o serviço; lembramos as necessidades de todos na oração da assembleia; somos alimentados pelo Corpo de Cristo, enviados em missão para fazer o mesmo que o Senhor Jesus fez, com caridade e compaixão.

A Eucaristia alimenta o coração indiviso, centrado no Cristo, e nos chama a levar uma vida de serviço e de amor. Como Jesus disse: *“Se compreenderdes estas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes”* (Jo 13, 17).

Padre Patrick GRIFFIN, cm
Diretor geral

IRMÃ ANNE PRÉVOST, FILHA DA CARIDADE

Maria, Mãe de Misericórdia
“Eu vi a Virgem revestida de misericórdia”

Afonso Ratisbonne, 20 de janeiro de 1842

INTRODUÇÃO

São Vicente e Santa Luísa convidam as Filhas da Caridade a contemplar em Maria: *“a Mãe de Deus, Mãe de Misericórdia e esperança dos pequenos”* (C. 15b). Neste Ano da Fé, lançado por Bento XVI, convido-as a reler a experiência de fé de um jovem judeu, convertido à fé católica e que depois se tornou um apóstolo. Falaremos sobre Afonso Ratisbonne, sobre a revelação que Deus lhe fez e como esta revelação repercutiu durante toda a sua vida. Para ele, existiu um *“antes”* e um *“depois”* que fez toda a diferença. No dia 20 de janeiro de 1842, na Igreja Sant’Andrea delle Fratte em Roma, Maria abre a *“Porta da fé”* para Ratisbonne, indicando-lhe Aquele que é a Porta: Cristo (Jo 10, 9). Atravessando esta porta, Ratisbonne faz a experiência da misericórdia de Deus, que o faz passar de sua realidade à realidade do mundo de Deus. Ele entra em uma relação de fé com o Cristo, deixa-se envolver pela boa nova da misericórdia divina e descobre os fundamentos da vida cristã.

- Na primeira parte, recordaremos aspectos da vida de Afonso Ratisbonne
- Depois, contemplaremos como a Imaculada, a *“Mãe de Misericórdia”* se aproximou de Afonso Ratisbonne.
- Veremos também, brevemente, a maneira de agir de Maria na sua missão de evangelização.

- Finalmente, em vista da nova evangelização, deixaremos ressoar, entre outras, duas formas essenciais de nossa fé.

I - QUEM É AFONSO RATISBONNE ?

Afonso Ratisbonne nasceu no dia 1º de maio de 1814 em Estrasburgo. Foi o nono e mais novo filho de uma família muito unida e rica, aliada aos mais ricos banqueiros israelitas; era judeu não praticante. Estudou no Colégio Real de Estrasburgo. Sua educação familiar e formação intelectual aconteceram fora de todo princípio religioso. Inteligente, destinado a uma posição brilhante, tem carácter mas, se mostra inconstante e sarcástico.

Em 1827, para decepção de toda a família, Teodoro, o filho mais velho, se converte ao catolicismo e depois se torna sacerdote. Furioso e revoltado, Afonso se torna um anticlerical feroz e rejeita todos os católicos, censurando seu proselitismo.

Afonso já havia terminado seus estudos secundários quando perde sua mãe e alguns anos depois, seu pai. Um tio, que não tinha filhos, acolhe as crianças em seu lar. Sendo ele um grande banqueiro, quer preparar Afonso para assumir os negócios da família. Após ter estudado Direito em Paris, Afonso volta para Estrasburgo para trabalhar com seu tio, mas continua a desfrutar dos prazeres da vida, fazendo frequentes viagens a Paris.

Noivo de uma jovem de 16 anos, a família decide adiar a data do seu casamento. Então, ele faz uma grande viagem à Malta, passando pela Itália.

Seu irmão, Padre Teodoro Ratisbonne foi nomeado vigário da Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, e vice-diretor da Associação da Paróquia que é consagrada ao Coração Imaculado de Maria e tem como objetivo rezar pela conversão dos pecadores. Com esta responsabilidade, pediu orações por sua família, aos membros da associação. No início do ano de 1842, pediu aos membros dessa Associação para rezarem especialmente por "*um jovem judeu que estava em viagem na Itália*", a quem definiu como um "*homem independente e de pensamento livre*".

Afonso Ratisbonne chegou a Nápoles e foi convidado por seus amigos para ir a Roma. Ele aceita, apesar de sua relutância, e visita Roma como um apreciador de artes.

Em 8 de janeiro de 1842, ele encontra Gustavo, um protestante, amigo de infância, que o convida para jantar na casa de seu Pai. Lá, ele conheceu o Barão de Bussières, irmão deste amigo, que se tornara católico e que também era amigo do Padre Teodoro Ratisbonne. Quando o Barão de Bussières lhe fala sobre a grandeza do catolicismo, Afonso sente imediatamente uma profunda antipatia por Bussières e lhe responde com ironias e sarcasmos. Apesar desta hostilidade, o Barão de Bussières continua:

- *Uma vez que detestais a superstição e tendes um espírito inteligente e bem esclarecido, terias a coragem de vos submete a um teste bem inocente?*

- *Qual é o teste ?*

- *O teste é usar um objeto que vos darei... Ei-lo aqui! Trata-se de uma medalha da Santíssima Virgem. Isto vos parece ridículo, não é verdade? Mas, para mim, esta medalha tem um grande valor.... e para completar o teste, deveis recitar a oração: "Lembraí-vos..." de São Bernardo à Santíssima Virgem".*

Surpreso, Afonso Ratisbonne começa a rir e dar gargalhadas a ponto de balançar os ombros. Depois começa a pensar que ao retornar de viagem, poderá contar aos seus amigos esta história e rirem juntos. Ele aceita, portanto, usar a medalha e ler a oração "*Lembraí-vos*", pois, desta maneira,

provaria ao Barão de Bussières que, o que distancia um homem da religião é a própria insistência que se têm para convertê-lo.

No dia 16 de janeiro de 1842, o Barão de Bussières jantou no palácio do príncipe Borghese com um dos seus amigos, o Conde de Laferronnays, católico fervoroso, e lhe confia o jovem judeu às suas orações. O Conde demonstra muito interesse por esta conversão e promete confiá-lo à proteção da Santíssima Virgem.

Na noite de 17 de janeiro de 1842, o Conde de Laferronnays morre repentinamente.

No dia 20 de janeiro de 1842, quando o Barão de Bussières vai a Igreja de Sant'Andrea delle Fratte para preparar o funeral do Conde de Laferronnays, ele vê Afonso andando pela rua e o convida a entrar no carro. Ao chegar à Igreja, o Barão lhe pede para esperar alguns minutos, porém, Afonso o segue e entra na Igreja deserta. Nenhum objeto de arte atrai a sua atenção. De repente, a Igreja desaparece aos olhos de Afonso, ele vê somente uma grande luz. Maria apresenta-se a ele no momento em que está vivendo uma situação de rejeição e incompreensão da Igreja Católica.

Quando o Barão de Bussières volta, Ratisbonne está lá, prosternado, com os olhos cheios de lágrimas e o rosto transfigurado pela luz que tinha visto. Ele se sente totalmente transformado, mas não consegue responder às perguntas do Barão de Bussières, então segurando com força a medalha que trazia no pescoço, dizendo: “Oh ela é muito bela!”.

A CONVERSÃO DE AFONSO RATISBONNE

RELATO DE RATISBONNE

“Eu não sabia mais onde eu estava, não sabia mais se eu era Afonso ou um outro, experimentei uma total mudança que não mais me reconhecia... buscava me encontrar, mas não conseguia... Uma alegria ardente explodiu no profundo da minha alma, não consegui falar, não queria revelar nada, sentia em mim algo especial, solene, sagrado que me fez pedir para ver um padre... E, me levaram até um...”

Minhas primeiras palavras foram palavras de agradecimento ao Conde de Laferronnays e à Associação de Nossa Senhora das Vitórias. Tinha certeza que o Conde de Laferronnays tinha rezado por mim, mas não sabia dizer como fiquei sabendo, nem como poderia explicar as verdades das quais eu havia adquirido a fé e o conhecimento. Tudo o que posso dizer é que no mesmo instante do gesto, uma venda caiu dos meus olhos, não somente uma venda, mas toda uma infinidade de vendas que tinham me envolvido, desapareceram com uma tal rapidez, como a neve e o gelo sob o sol ardente.

Eu saía do túmulo, de um abismo de trevas e estava vivo, perfeitamente vivo... mas eu chorava, via no fundo do abismo as misérias extremas das quais tinha sido retirado por um ato de misericórdia infinita; estremeci diante da visão de todas as minhas iniquidades...”

A conversão de Afonso Ratisbonne é radical, seu coração está completamente mudado. Tendo atravessado a “porta da fé”, ele passa de sua realidade concreta à realidade espiritual, fazendo a experiência do Reino dos céus. A luz que recebeu e contemplou revela suas próprias trevas, dissipa-as e, ao mesmo tempo, lhe revela as verdades da fé.

“Perguntam-me como aprendi estas verdades da fé, porque estava comprovado que eu jamais tinha aberto um livro de religião, jamais tinha lido uma página da Bíblia... Então, como cheguei a tal conhecimento? Eu não saberia dizer. Tudo o que sei é que ao entrar na Igreja, ignorava tudo, ao sair, enxergava tudo com clareza. Somente consegui explicar esta mudança através da comparação com um homem que de repente acorda de um profundo sono, ou pela analogia com um

cego de nascença que subitamente enxerga o dia, ele vê, mas não pode definir a luz que o ilumina e no centro da qual ele contempla os objetos de sua admiração”.

Logo, Afonso Ratisbonne pede para se preparar para o batismo, a data é fixada para o dia 31 de janeiro de 1842. Durante estes dez dias de preparação, pode observar uma mudança em sua vida: ele tem uma outra visão das coisas, vive um outro amor, se torna acolhedor, é capaz de ver o invisível, de reconhecer Deus presente no coração dos homens. Sobre o seu guia espiritual ele diz: *“Este homem de Deus, não é um homem, é um coração; é uma personificação da celeste caridade! Mas, foi quando eu abri os olhos que descobri ao meu redor muitos outros homens deste mesmo gênero, dos quais o mundo não duvida. Meu Deus, quanta bondade, quanta delicadeza e graça no coração destes verdadeiros cristãos... sinais da presença de Deus”.*

Batizado no dia 31 de janeiro de 1842, Ratisbonne entra no mistério pascal e por Jesus, com Ele e Nele, a “porta da fé” lhe é amplamente aberta. Agora, ele pode dizer como São Paulo: *“eu vivo, mas já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim!”* (Gal 2, 20).

APÓS A CONVERSÃO DE AFONSO RATISBONNE

Estamos na véspera do seu batismo quando a notícia de sua conversão é comunicada aos membros da Associação de Nossa Senhora das Vitórias, pelo Padre Teodoro Ratisbonne. Depois de ter contado as circunstâncias, Teodoro diz: *“Este Afonso sobre o qual estou lhes falando é meu irmão...”* Então, um grito de alegria explode em toda a assembleia e uma imensa gratidão a Deus é manifestada em todos os corações, visto que havia 15 dias que Afonso tinha sido recomendado às orações públicas de uma maneira muito especial.

A partir de então, Afonso Ratisbonne continua, dia após dia, a atravessar a “porta da fé”, buscando na fonte de seu batismo a graça superabundante, esforçando-se em acolhê-la para que ela produza nele e através dele os seus frutos.

Cinco meses após este ocorrido, Afonso entra na Companhia de Jesus e seis anos depois, em 1848 é ordenado padre. Esta experiência espiritual na Igreja Sant’Andrea delle Fratte é interpretada pelos dois irmãos Ratisbonne como sinal da vontade de Deus e juntos, desenvolvem uma obra na Igreja a serviço do diálogo com o judaísmo. Em 1850, com a bênção do Papa Pio IX, Afonso deixa a Companhia de Jesus para unir-se ao seu irmão, Teodoro, e a Congregação de Nossa Senhora de Sion. Afonso se instala na Palestina em 1855 e consagra sua vida ao catecumenato dos convertidos de origem judaica.

II - A APARIÇÃO DA IMACULADA, “MÃE DE MISERICORDIA”

Quando entramos pela primeira vez na Igreja Sant’Andrea delle Fratte e olhamos para a capela lateral onde aconteceu a aparição, o que chama a atenção, é o grande quadro central onde Maria Imaculada está representada, tal como ela se apresenta na Medalha Milagrosa, mas a presença de Afonso Ratisbonne não está representada. Somente quando nos aproximamos do altar, é que percebemos do lado direito um outro quadro, representando a aparição da Virgem Maria a Ratisbonne e uma placa comemorativa referente a este acontecimento.

Assim, quando contemplamos o grande quadro da Virgem Imaculada, situado no centro da Capela, cada peregrino pode se colocar no lugar de Ratisbonne e sentir-se chamado a deixar-se iluminar pela fé, para contemplar o que ele contemplou.

Existem muitas maneiras de explorar a riqueza deste acontecimento. O método proposto é a releitura das passagens essenciais do relato de Ratisbonne, seguido de um comentário para ajudar a ultrapassar a literalidade das palavras e a descobrir o sentido espiritual, pois, como bem sabemos, a transmissão de uma experiência espiritual nunca é simples, e existe uma diferença entre o que é objeto de contemplação e formulação das palavras.

A aparição acontece em dois momentos:

- No primeiro, Maria se apresenta a Ratisbonne e parece convidá-lo a tomar o tempo necessário para deixar-se esclarecer interiormente e preparar-se para entrar no processo de relação.
- No segundo momento, Ratisbonne percebe a infinita beleza da Imaculada, depois ele é seduzido por sua atitude incomparavelmente misericordiosa que o faz descobrir, de maneira luminosa, a Misericórdia divina.

Primeiro momento: PREPARAR-SE PARA O ENCONTRO

Quando Afonso Ratisbonne entra como visitante na Igreja Sant'Andrea delle Fratte, sem reconhecer a razão de ser daquele lugar, como um lugar onde os católicos se reúnem na presença de Deus, de repente, ele é atraído interiormente por uma grande luz, como aquela que iluminou Paulo no caminho de Damasco.

RELATO DE RATISBONNE

“Levantei os olhos em direção da capela que estava cheia de luz... e vi, sobre o altar a Santíssima Virgem Maria... Uma força irresistível empurrou-me para ela. A Virgem me fez sinal com a mão para que me ajoelhasse, e pareceu-me que dizia: é o suficiente. Ela não me disse nada, mas eu compreendi tudo. Nesta visão, eu caí de joelhos no mesmo lugar onde eu estava.

REFLEXÃO:

A luz é um sinal do Reino dos céus: na criação, a luz manifesta algo de Deus, Ele que *“habita em luz inacessível”* (1Tm 6, 16) ; quando o filho de Deus se torna homem entre os homens, *“é a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem”* (Jo 1, 9). Tal é a luz que Afonso Ratisbonne vê ao olhar a Imaculada! Iluminado interiormente pelo Espírito, ele vê Maria com os olhos do coração.

Com muita delicadeza, ela lhe fez um sinal para se inclinar. Irresistivelmente atraído para ela, então, ele avança, e ao sinal de Maria, ele para e *“se ajoelha no local mesmo onde se encontrava”*.

Este convite de Maria para ajoelhar-se é sem dúvida um apelo, não para se humilhar, mas, para se preparar para o encontro. A graça é oferecida a Ratisbonne, é preciso que ele a acolha para poder entrar no processo de relação: portanto, ele é convidado a ficar atento à Presença, a silenciar todos os obstáculos do seu coração, a buscar nele um espaço para acolher e entrar realmente na relação.

Ratisbonne se ajoelha. Este tempo de parada lhe permite revestir o coração de paciência amorosa, de disponibilidade e de atenção para começar o encontro com a verdade na luz de Deus, onde cada pessoa tem necessidade do outro, onde cada pessoa tem necessidade de amar.

Segundo momento: DESCOBRIR E ACOLHER A MISERICORDIA

Ao contemplar a Imaculada, Ratisbonne se encanta, primeiro, com sua beleza e majestade, porém fica profundamente fascinado pela atitude infinitamente misericordiosa. Com Maria, ele faz a experiência de uma vida nova, onde a relação assume todo o seu sentido na luz de Deus e descobre o amor de predileção de Deus por ele como se fosse o único no mundo.

Ora, Ratisbonne tinha aceitado usar a medalha e ler todos os dias a oração do “*Lembraivos*”¹ como um desafio. Sem saber, ele invocava Maria como a mediadora da Divina Misericórdia, cuja missão é de se tornar próxima das pessoas e ajudá-las a acolher a misericórdia de Deus.

Em sua encíclica “*Divis in Misericórdia*” João Paulo II também apresentou Maria como mediadora da Divina Misericórdia. Ele destacou duas dimensões da Misericórdia que iluminam o mistério de Maria: “*filha e mãe da divina Misericórdia*”.

Antes de ser “*mãe da Misericórdia*” Maria é antes de tudo a “*filha*”. Maria experimentou, de uma maneira especial e excepcional a Misericórdia de Deus e dela participou a partir do seu interior. Em seu Magnificat, Maria exalta a Misericórdia de Deus² e proclama que, tudo o que tem e tudo o que ela é, ela recebeu das mãos misericordiosas de Deus: “*Ele olhou para a humildade de sua serva. O Poderoso fez em mim maravilhas...*”.

Ao pé da Cruz, depois de compreender que Deus esperava que ela pronunciasse em seu coração as mesmas palavras que seu Filho: “*Pai, perdoa-lhes*”, Maria recebe a missão de se tornar a Mãe de João, e portanto, de cada um de nós. Para ela, como um cristal puro, a Misericórdia de Deus chega até nós. Com ela, aprendemos a nos tornar seres da graça em Jesus Cristo, impregnados de sua Misericórdia.

Este duplo dom de Maria “*filha da Misericórdia*” e “*mãe da Misericórdia*” parece estar no centro da mensagem revelada a Ratisbonne.

MARIA “FILHA DA MISERICÓRDIA”

RELATO DE RATISBONNE

“*Tentei várias vezes levantar os olhos para a Santíssima Virgem, mas sua grandeza, seu esplendor me fizeram abaixar os olhos, o que me impedia de contemplar com clareza esta aparição*”... Ela estava “*de pé...belíssima, majestosa e com ar misericordioso...*”

REFLEXÃO: A BELEZA E A MAJESTADE DE MARIA

Maria estava “*de pé, belíssima*”. Ratisbonne contempla uma mulher com uma beleza indescritível, resplandecente do reflexo da Beleza de Deus, desta Beleza que o Cristo irradiou na Transfiguração, beleza esta que irradiaremos no dia da nossa ressurreição. A beleza do ser Imaculado de Maria é pura graça da Misericórdia. Totalmente transparente para Deus, a Imaculada não pode fazer obstáculo à Divina Misericórdia, pois ela é o seu receptáculo: a graça de Deus se reflete em seu rosto, seu sorriso e seu olhar.

Maria estava “*majestosa, e com ar misericordioso*”. Ratisbonne admira a majestade da Mãe de Deus que reflete a majestade de Deus. É a extrema modéstia da atitude misericordiosa da “*humilde serva do Senhor*” que expressa esta majestade interior e lhe ensina indiretamente que não pode existir beleza e majestade sem humildade e sem misericórdia.

Com Maria, Ratisbonne pode fazer a experiência da beleza e da majestade de Jesus Cristo, o Servo, *“manso e humilde de coração”*.

MARIA “MÃE DE MISERICORDIA”

RELATO DE RATISBONNE

De braços abertos, Maria estava *“semelhante, em sua atitude e forma, à imagem da Imaculada que se encontra na Medalha milagrosa”*.

REFLEXÃO: O ACOLHIMENTO DE MARIA

Com as mãos estendidas para Ratisbonne, a Imaculada parece desejar-lhe as boas vindas, acolhendo-o tal como ele é. Maria, que trazia em suas mãos a misericórdia divina, está totalmente voltada para Ratisbonne, atenciosa como uma mãe para com seu filho, desejosa para lhe oferecer o que ela tem de melhor: a graça de Deus. O primeiro dom entregue pelas mãos da Imaculada foi o próprio amor de Deus.

Maria revela através do seu acolhimento que ele é importante para ela e, ao mesmo tempo, mostra-lhe que Deus tem um coração que acolhe todos os homens. Os braços abertos de Maria refletem a relação de amor que Deus propõe a cada ser humano, de unir-se a Ele, onde quer que esteja, para se entregar a Ele.

RELATO DE RATISBONNE

“Vi a Virgem revestida de misericórdia... Fixei, então, o olhar sobre suas mãos e vi nelas a expressão do perdão e da misericórdia”

REFLEXÃO: A MISERICÓRDIA DE MARIA

Da mesma maneira que Catarina Labouré contemplou os *“deslumbrantes raios luminosos”* que saíam das mãos da Imaculada, Afonso Ratisbonne tem o olhar voltado para as mãos de Maria, expressão da mansidão e da misericórdia do seu coração. Para ele, estas mãos plenas de ternura e delicadeza, dizem que ele está perdoado e é amado. Foram estas mãos que seguraram o Menino Jesus, que cuidaram dele e o consolaram; foram estas mesmas mãos que prestaram serviços, quando Ela vivia em Nazaré, sempre prontas para ajudar a todos ao seu redor. Assim, progressivamente, as mãos de Jesus se tornaram semelhantes as de sua mãe: mãos plenas de afeição para acolher as crianças (Mt 18, 1-4); mãos do Bom Pastor, cheias de ternura, para acolher a ovelha perdida; mãos plenas de compaixão para curar os doentes, perdoar e lavar os pés dos discípulos.

Com Maria, Ratisbonne descobre a felicidade de ser amado de modo incondicional; compreende que Deus acolhe os pecadores, oferece-lhes sua Misericórdia, se eles se deixam ser amados; Deus deseja unir-se aos pecadores para acalmá-los, motivá-los, reconciliá-los e partilhar com eles sua vida em plenitude.

RELATO DE RATISBONNE

“Em presença da Santíssima Virgem, embora Ela não me tenha dito uma única palavra, compreendi o horror do estado em que me encontrava, a deformidade do pecado, a beleza da religião católica; numa palavra, compreendi tudo”.

REFLEXÃO: A LINGUAGEM DO CORAÇÃO DE MARIA

Durante a aparição a “*Mãe de Misericórdia*” não fala, mas está lá, presente, em uma atitude de proximidade, mesmo se permanece silenciosa. Provavelmente, não é sem razão que Maria não diz nada: como Jesus, recusa-se a colocar em evidência a culpa ou o culpado. Maria não se surpreende nem com a descrença deste homem, nem com suas divagações; não o encarcera em suas ironias ou acusações; não lhe faz nenhuma advertência, nem lhe dá nenhum conselho; ao contrário, ela o ama tal como ele é, olha simplesmente sua verdadeira dignidade, manifesta-lhe uma grande confiança. O silêncio de Maria não é estéril, mas um silêncio de comunhão que se oferece. A atitude da Imaculada lembra a atitude do pai da parábola do filho pródigo que, pleno de compaixão vai ao encontro do filho para comunicar-lhe o seu amor e seu perdão; o pai experimenta a alegria ao ser misericordioso; “*este meu filho estava morto, e reviveu*” (Lc 15,24).

Para Ratisbonne isto é uma revelação. Ele descobre a linguagem do coração: não há necessidade de frases, somente uma presença humilde e amorosa, um olhar de bondade e de misericórdia, tal como Deus o é. Portanto, a Mãe de Deus não é uma vaga presença amorosa, a sua presença é o anúncio do amor de Deus que ama gratuitamente. Maria revela através do seu próprio ser que a ação de Deus é eficaz. Realmente, ela realiza algo no coração de Ratisbonne, as trevas que o inundavam, desapareceram, a luz do Amor lhe permite iluminar sua vida. Deus jamais o abandonou, jamais deixou de estar presente em sua vida, ainda que ele o recusasse durante muito tempo. Ratisbonne compreende a boa nova do amor e do perdão de Deus.

III - MARIA “ESTRELA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO”

Em 6 de maio de 2008, Bento XVI nomeou Maria “*Estrela da evangelização e Rainha dos Apóstolos*” Se é pertinente falar de Maria “*Estrela da Evangelização*”, a chave da compreensão desta expressão situa-se no fato de que ela é a Rainha dos Apóstolos. É o Espírito que faz os apóstolos e age através deles, conseqüentemente, Maria, plena do Espírito Santo, exerce uma missão particular na Igreja.

APÓS A MORTE DE JESUS,

Os apóstolos que estavam dispersados se reuniram no Cenáculo. Eles estão abatidos, passaram por acontecimentos que não conseguem compreender. Tudo foi muito rápido. Um deles, tendo recebido Maria por Mãe, aos pés da cruz, dá seu testemunho aos outros. A partir de então, Maria vai assumir uma única função: ela está com os apóstolos e os apóstolos estão com ela. Podemos imaginar o acolhimento confiante que Maria faz a cada um dos apóstolos que se tornaram seus filhos. Longe de censurar Pedro que negou conhecer seu Filho ou aos outros por tê-lo abandonado, ela os consola, os reconforta, repete-lhes as palavras de confiança e de esperança de Jesus; insensivelmente, ela prepara os apóstolos a reconhecer a presença inesperada e inexplicável de Jesus ressuscitado quando ele se manifestará a eles.

DURANTE OS QUARENTA DIAS QUE SEPARAM A PÁSCOA DA ASCENSÃO

Maria está lá, a serviço de todos, sinal visível do Cristo invisível. O papel de uma mãe em uma família é ser um elo entre todos os seus filhos. Maria é o elo entre os discípulos, um fermento de unidade e de comunhão; ela é também uma fonte: no coração de Maria nos é comunicado a vida divina.

APÓS A ASCENSÃO

Maria realiza uma missão profundamente apostólica: ela acompanha de perto os apóstolos, pobres pecadores, e os prepara para a vinda do Espírito Santo. Fazendo-se um com Maria, eles estão totalmente abertos ao dom do Espírito Santo.

MARIA NO CORAÇÃO DA IGREJA.

A missão de Maria, não é apenas ser modelo da Igreja, mas exercer no centro desta uma real atividade maternal. No que se refere a nós, a função de Maria é continuar sua ação maternal, a exemplo de sua relação com o Verbo encarnado. Sua ação maternal se realiza nos preparando e nos dispondo a receber a graça do Cristo. O seu papel de mãe é fazer-nos filhos semelhantes ao Seu Filho; é conceber em nós a própria vida do Ressuscitado. Mãe de Misericórdia, ela não ignora nossa vida e se inclina de maneira especial sobre nossos corações sofredores. Esta é sua função junto a Ratisbonne.

AO LONGO DE SUAS APARIÇÕES

Maria se dirige a todas as classes da sociedade: pobres e ricos, crentes e descrentes...

Se compararmos rapidamente seu encontro com Afonso Ratisbonne com duas outras aparições: uma na Capela da rue du Bac (doze anos antes), e a outra na gruta de Massabielle (dezesseis anos depois), podemos observar que sua maneira de se aproximar de cada um não é estereotipada, mas personalizada.

Os três lugares da aparição: Paris (1830), Roma (1842) e Lourdes (1858) lembram a história de três testemunhas: Catarina Labouré, Afonso Ratisbonne, Bernadete Soubirous.

- *Catarina Labouré* é uma Filha da Caridade de 24 anos, natural de um pequeno vilarejo da Borgonha, de uma família rural, católica praticante. Ela tem uma fé profunda e um coração ardoroso.

- *Afonso Ratisbonne*, natural de Estrasburgo, de uma família judia não praticante, é um jovem banqueiro de 28 anos, rico, ateu, anticlerical: detesta a Igreja e todo o clero.

- *Bernadete Soubirous*, natural de uma pequena cidade dos Pirineus, de uma família católica que ficou pobre e marginalizada; é uma jovem de 14 anos, de saúde frágil, analfabeta e de raciocínio muito lento para aprender o catecismo e se encontra excluída da comunhão eucarística.

Com cada um deles, Maria manifesta uma atitude diferente, considerando suas realidades, suas origens familiares, sociais e religiosas.

- *Com Catarina Labouré*, Maria sentou-se em uma cadeira, como uma mãe senta-se com sua filha para lhe falar e lhe confiar segredos. Conversando com Catarina sobre os fatos da vida, revela o mistério de sua Conceição Imaculada e lhe confia a missão de fazer **cunhar uma Medalha** que lembre este mistério, pela invocação: “*Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*”.

- *Com Afonso Ratisbonne*, Maria se apresenta de pé, como está representada na Medalha milagrosa. Maria não fala com Afonso, mas sua presença é suficiente para revelar o quanto ele é amado por Deus. Deixando-se reconciliar com Deus, ele se torna apóstolo ardente da **misericórdia e do diálogo judeu-cristão**.

- *Com Bernadete Soubirous*, Maria se apresenta como uma “catequista”. Em 18 “lições” ela guia Bernadete em sua iniciação ao Evangelho e aos mistérios da fé. No dia 25 de março de 1858, Bernadete se torna **a mensageira da Imaculada**, que veio pessoalmente confirmar o dogma da Imaculada Conceição, proclamado quatro anos antes, pelo Papa Pio IX.

A rápida apresentação destas três intervenções marianas mostra que a Imaculada não despreza os diversos caminhos pessoais daqueles que a ela se dirigem. Ela se inscreve na experiência humana e espiritual de cada um e os acompanha de maneira única.

IV - UMA MENSAGEIRA PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Esta história particular de Afonso Ratisbonne não deixa de ser, para quem assim o deseja, um convite para conhecer mais este acontecimento e acolher a centralidade da mensagem que pode ser resumida assim: *“Deus é Amor misericordioso, Ele nos ama tal como somos e quer a nossa felicidade”*. Para bem viver este Ano da Fé, deixemos ressoar mais particularmente em nosso coração, duas formas essenciais, entre outras, de nossa vida de fé, diretamente unida à misericórdia:

- a misericórdia na evangelização
- a oração por todos.

1 - A MISERICÓRDIA NA EVANGELIZAÇÃO

No Evangelho vemos como Jesus acolhe os pecadores, afirmando que é desta maneira que age o Pai celeste. Nesta aparição de 20 de janeiro de 1842, Maria também demonstra uma grande proximidade, plena de misericórdia por este homem incrédulo que não tinha nenhuma referência religiosa. Ela dá o tom da relação: ela não busca atraí-lo nem seduzi-lo, ou transmitir-lhe uma doutrina ou uma mensagem, ela suscita simplesmente a confiança que lhe permite abrir seu coração e acolher as verdades da fé: lá onde existe o amor, Deus está presente. Foi simplesmente a qualidade de sua presença que evangelizou Ratisbonne. Isto nos ensina que, mesmo se ela é útil, a palavra não é a primeira coisa para fazer entrar em uma relação.

Neste encontro, Maria parece lançar-nos no caminho do Evangelho do bom Samaritano. Não se trata de saber quem é o próximo, mas sim em aprender a se fazer próximo do outro. Se nos fazemos próximo, o outro se torna próximo, mas se não nos fazemos próximo, afastamos o outro e formamos um abismo que nos separa. Para evangelizar os que estão longe da Igreja, não estaria Maria nos encorajando a um tipo de abordagem “pastoral”, feita de proximidade e de misericórdia? As pessoas que fazem a experiência da misericórdia divina sabem interiormente que ela restabelece a paz em seus corações. Nosso Deus misericordioso nos chama a sermos presença discreta e atenta ao mistério do outro, convite desinteressado, de acompanhamento respeitoso, capaz de levantar, incentivar, apoiar.

2 - A ORAÇÃO POR TODOS

A aparição a Ratisbonne está intimamente relacionada à oração da comunidade cristã. Portanto, aqui está bastante evidenciado o tema da oração da Igreja pela conversão dos pecadores. Este acontecimento parece ser um efeito da Medalha Milagrosa, acompanhada da fé e da oração da comunidade de cristãos, começando pelo Padre Teodoro Ratisbonne, os membros da Associação de Nossa Senhora das Vitórias, o Barão de Bussières, o Conde de Laferronnays... e muitos outros cristãos do mundo inteiro, que elevam a Deus a sua oração.

No Evangelho, Jesus nos pede para rezar sem cessar e a todo instante: *“Tudo o que pedirdes com fé na oração, vós o alcançareis”* (Mt 21, 22), *“o que pedirdes na oração, crede que o tendes*

recebido, e ser-vos-à dado” (Mc 11, 24). A oração pelos pecadores é uma das missões do cristão: mesmo se somos todos pecadores, somos chamados pelo Cristo para participar com Ele da salvação dos nossos irmãos. É um dever de solidariedade e de compaixão levar os outros para Deus, amá-los, e ajudá-los a fazer a experiência da misericórdia: “*lá onde abundou o pecado*” (Rm 5,20), pois Deus não quer que um só de seus filhos se perca.

Quando a Igreja nos chama a rezar pelos pecadores, pensamos espontaneamente em “fazer” orações. Sim, mas trata-se de uma atitude mais profunda, que consiste entrar em relação com Deus. Ao nos colocarmos na presença de Deus, como Deus está presente em nós, colocamos diante de Deus todos aqueles e aquelas que trazemos em nosso coração. Em nossas orações de petição, Deus nos faz entrar em seu Reino, atravessando a “porta da fé” e, assim, as pessoas pelas quais rezamos já podem ser beneficiadas. A intercessão pelos irmãos não é somente uma devoção piedosa, mas um grande ato de misericórdia da parte daqueles que creem, que não podem guardar para si a plenitude da felicidade que reside na experiência do amor de Deus.

No dia 18 de julho de 1830, Catarina Labouré foi convidada por Maria para rezar pela humanidade marcada pela violência e o sofrimento. Deus não cessa de se doar no coração de um mundo de pecado, onde Ele é rejeitado, porque é exatamente lá que se tem necessidade Dele. Quantas vezes, Catarina fora “*ao pé do altar*” para rezar pela humanidade sofredora?

Em 24 de fevereiro de 1858, em Lourdes, na oitava aparição, Bernadete Soubirous foi também convidada a “*rezar pelos pecadores*”. Esta palavra de Maria, repetida durante as aparições que se seguiram, transformou consideravelmente a vida de Bernadete. Bernadete a assumiu como uma missão, mesmo sabendo que estava entre os pecadores e que tinha necessidade da oração dos outros. Durante toda sua vida, Bernadete permanece fiel à oração, particularmente, a oração do Rosário.

CONCLUSÃO

Estas reflexões não querem provar nada, elas querem somente testemunhar o caminho de felicidade que Maria propõe a todos que aceitam reconhecer a luz e a vida em Deus. Mesmo se a profunda comunhão de Maria e de Ratisbonne esteja bem além das palavras, está claro que este encontro privilegiado passa, essencialmente, pela misericórdia infinita de Deus. A ação maternal de Maria acontece em vista da Igreja: ela a prepara e a dispõe para receber a misericórdia do Cristo.

Os ensinamentos do Papa João Paulo II confirmaram o lugar determinante que deve ser dado a divina misericórdia, verdadeira intuição, inspirada pelo Espírito, para o novo milênio: “*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*” (Mt 5,7). Somos convidadas, com Maria, a fazer uma experiência renovada da misericórdia de Deus. A palavra do anjo a José dirige-se a cada uma de nós: “*Não temas receber Maria em tua casa...*” (Mt 1, 20)... *nela não encontrarás, senão a misericórdia divina.*

Com Maria “Mãe de Misericórdia”, acolhamos a misericórdia divina para que ela habite, cure e unifique profundamente o nosso coração, e que assim, através do nosso serviço, a misericórdia do Cristo chegue ao coração dos pobres.

Irmã Anne PRÉVOST
Filha da Caridade

Notas

¹ Oração de São Bernardo: “*Lembraí-vos, ó puríssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer, que algum daqueles que tenham recorrido à Vossa proteção... fosse por Vós desamparado*”.

² “a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre todos que o temem” (Lc 1,50)... “ Socorreu Israel seu servo, lembrando-se da sua misericórdia...” (Lc 1,54)

Atualidades das Províncias

Designação de Visitadoras e Nomeação de Diretores provinciais

DESIGNAÇÃO DE VISITADORAS

PROVÍNCIA DE BELO HORIZONTE: Irmã Caetana Luísa Heleno GOMES foi designada Visitadora, em substituição à Irmã Maria das Graças ALVES, em 12 de dezembro de 2012.

PROVÍNCIA DAS FILIPINAS: Irmã Eflada FERRIOLS foi designada Visitadora, em substituição à Irmã Maria Teresa MUEDA, em 21 de dezembro de 2012.

PROVÍNCIA DA IRLANDA: Irmã Goretti BUTLER foi designada Visitadora, em substituição à Irmã Catherine PRENDERGAST, em 20 de fevereiro de 2013.

NOVA PROVÍNCIA DA ESPANA-SUR: Irmã Maria Pilar RENDON de DUENAS foi designada Visitadora, em 20 de fevereiro de 2013.

* * * * *

NOMEAÇÃO DE DIRETORES PROVINCIAIS

PROVÍNCIA DO PERU: o Padre Ruben Pedro BORDA MONTES foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 31 de outubro de 2012.

PROVÍNCIA DOS CAMARÕES: o Padre Emmanuel TYPAMM foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 10 de dezembro de 2012.

PROVÍNCIA DO RECIFE: o Padre José MOREIRA RIBEIRO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 10 de janeiro de 2013.

PROVÍNCIA DE VARSÓVIA: o Padre Kazimierz MALZENSKI foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, para um mandato de três anos, em 13 de março de 2013.

PROVÍNCIA DE MADRID SANTA LUÍSA: o Padre Antonio MOLINA SALMERON foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, para um mandato de três anos, em 27 de março de 2013.

NOVA PROVÍNCIA DA ESPANA-SUR: o Padre José Maria LOPEZ MASIDE foi nomeado Diretor da nova Província das Filhas da Caridade, em 10 de janeiro de 2013.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da América Central

Projeto apostólico da Casa Saint-Hyacinthe em San Salvador

A Casa Saint-Hyacinthe é uma residência de Irmãs idosas, fundada em 1911 que acolhe também para Retiros e Sessões de formação as Irmãs ou membros dos movimentos pastorais da Igreja. Além disto, a Comunidade local assume algumas obras, tais como: uma creche e uma escola maternal para 125 crianças pobres; a escola "Santa Catarina" com 850 crianças (meninas) e um centro de Serviço Social para pessoas idosas e carentes. As Irmãs também dão apoio às vítimas de catástrofes naturais.

Em 2001, quando dois terremotos e outras calamidades atingiram a cidade de San Salvador, participamos dos primeiros serviços de urgência. Foi assim que chegamos ao município de "San José el Cedro", à 20 km da capital, uma região rural de pobreza extrema onde a maioria das casas foram destruídas:

Após os primeiros serviços de urgência, as Irmãs descobriram a pobreza e a desnutrição das crianças. Diante deste fato, a Comunidade decidiu assumir esta nova missão. Desde então, uma Irmã acompanha a população do "Cedro" e colabora com Projetos em favor dos habitantes. Assim, formando uma só família, amigos de Deus, com a colaboração de diferentes organismos, ajudamos as pessoas, dentre as quais, algumas pertencentes a seitas protestantes.

Com a ajuda dos cristãos e benfeitores americanos, participamos de um projeto de construção de moradias dignas. Este projeto continua sendo realizado, pois a quantidade de famílias necessitadas tem aumentado e o trabalho avança lentamente, devido à recessão.

Ao constatar a desnutrição de inúmeras crianças do vilarejo, organizamos um refeitório (Casa del Cipote) em um galpão. Com a ajuda de pessoas generosas, compramos um terreno e construímos o Centro São Vicente de Paulo onde estão agrupados todos os serviços da Comunidade. Todas as famílias do município colaboraram na construção deste Centro e estão muito felizes por tornarem-se os "proprietários".

No centro São Vicente de Paulo encontram-se:

- O refeitório: uma centena de crianças entre dois e doze anos de idade são acolhidas duas vezes por dia. As crianças estão mais receptivas na escola e a desnutrição diminuiu. As mães ajudam na cozinha. O cultivo de uma horta permite produzir legumes destinados à venda e estimulam as mulheres a cultivarem, em seus quintais produtos que ajudarão a alimentar suas famílias, mesmo se às vezes, esta tarefa se torne difícil devido à falta de água.

- Uma pequena escola maternal para as crianças entre quatro e seis anos de idade: Nesta escola as crianças aprendem a conviver e a desenvolver suas capacidades, preparando-se para começar bem a escola primária.

- Uma classe de informática: permite aos jovens obter um diploma que os ajudará a encontrar um trabalho. Convencidas de que a melhor maneira de ajudar os pobres é permitir-lhes estudar e se preparar para enfrentar a vida, disponibilizamos 25 bolsas aos filhos de famílias pobres e numerosas.

- Uma oficina de costura e de produtos artesanais locais para as mulheres: esta formação permite às mulheres desenvolverem suas capacidades e portanto, mais tarde, obterem uma renda para sua família.

Graças à generosidade dos benfeitores, há quatro anos existe um comitê de ajuda às famílias, formado por membros da comunidade rural, que visa à obtenção de empréstimos sem juros. Este ano, o número de famílias beneficiadas aumentou. Elas utilizam o dinheiro para a compra de adubo, sementes e herbicidas; comprometem-se a reembolsar o valor do empréstimo após a colheita e realizam também serviços comunitários para o Centro. Estas famílias são muito gratas e felizes de poder, assim, garantir o seu sustento diário.

- Um centro desportivo para crianças e jovens: o objetivo deste centro é ensinar os jovens a utilizar bem o seu tempo e assim, evitar a tentação dos vícios e da droga. Um técnico os ajuda a desenvolver suas capacidades físicas. Uma das condições para ter acesso às atividades esportivas é participar do reforço escolar e de uma formação sobre os valores humanos. O Centro tem como lema: “uma mente sã, um corpo sã”.

Protagonistas de sua própria promoção, os moradores do vilarejo se organizaram e, com a ajuda de dois advogados e das Irmãs, fundaram uma associação: “O Centro Vicentino Integrado” (CIV), com personalidade jurídica. Esta associação é uma esperança para os pobres; é um bom meio para continuar a realizar novos projetos para melhorar o nível de vida local. Nossa Comunidade de Filhas da Caridade os apoia e os acompanha. Partilhamos as penas e as alegrias dos pobres que servimos na Casa Saint-Hyacinthe e no município de "Cedro".

Todo este trabalho é realizado ao mesmo tempo que o trabalho de evangelização: catequese para as crianças, pastoral da família, etc. Recebemos muitas ajudas de benfeitores e voluntários, tanto em âmbito nacional como internacional.

Com São Vicente e Santa Luísa, dizemos: “*O amor é inventivo até o infinito*”. Esta obra funciona graças a Divina Providência, e temos a certeza que Ela sempre nos acompanha, pois não dispomos de nenhuma ajuda do Estado.

Os pobres nos evangelizam constantemente através de sua fé, sua confiança e sua esperança em Deus. Eles são gratos a Deus e às Filhas da Caridade que os acompanham e os ajudam a transformar suas vidas. Esforçamo-nos em ser veículos da ternura de Deus para eles.

Como Comunidade, damos graças a Deus pela felicidade de servir e acompanhar nossos irmãos os mais pobres. Que Maria, única Mãe da Companhia, proteja cada uma das famílias, particularmente, aquelas que sofrem com a pobreza, a insegurança, a violência e a injustiça, mas que guardam sua confiança em Deus.

A Comunidade da Casa Saint-Hyacinthe

ENCONTRO DE DIRETORES PROVINCIAIS

Casa-Mãe, de 1º a 14 de julho de 2012

Encontro de Diretores provinciais

Conforme a prática mencionada no *Diretório do Diretor provincial das Filhas da Caridade* (pág.14), o Padre Gregory Gay, Superior geral, convocou os Diretores de cada Província para um encontro na Casa-Mãe das Filhas da Caridade, em Paris, de 1º a 14 de julho de 2012, cujo tema foi: “*O Diretor provincial: animador, orientador e formador das Filhas da Caridade*”. A maioria dos Diretores provinciais pôde participar deste encontro:

Em sua carta de acolhida, o Padre Gregory descreve a importância da função de Diretor e o objetivo do encontro:

Acredito que todos sabem o quanto o nosso ministério junto às Filhas da Caridade é importante para mim, e tenho certeza de que ele o é para cada Diretor. São Vicente tinha uma grande estima por este serviço que lhe era muito querido. Evidentemente, que o trabalho que ele fez pelos pobres da França e do mundo não poderia ter sido realizado sem o apoio de Santa Luísa de Marillac e das primeiras Filhas da Caridade. E isto é ainda hoje, uma verdade. Unimo-nos às nossas Irmãs na expressão viva do nosso carisma. Neste sentido, sua tarefa de Diretor provincial tem uma particular importância.

Para este encontro, desejo que aproveitemos o tempo para aprender a nos conhecer e partilhar, juntos, os nossos conhecimentos. Alguns serão novos nesta função de Diretor provincial, outros já estão há mais tempo, servindo com fidelidade. Parte do que será discutido será informação nova para uns, para outros não. Todas as informações e discussões serão filtradas através do prisma de nossas diferentes culturas e situações. Tal é a natureza da Igreja universal e de nossas Comunidades internacionais, e é uma bênção pela qual sou, particularmente, agradecido.

Aproveitemos desta oportunidade para ensinar e aprender uns dos outros. Assim, também desejo fazê-lo. Esta será a obra do Espírito entre nós.

Este aprendizado mútuo foi vivido em três dimensões durante o dia: sessões de trabalho, oração comunitária e partilhas informais.

1 - SESSÕES DE TRABALHO

Grande parte do encontro consistiu nas sessões de trabalhos. Graças a generosidade da Irmã Evelyne Franc e de seu Conselho, os Coirmãos puderam aproveitar das instalações e recursos da Casa-Mãe, incluindo as Irmãs tradutoras, mas sobretudo, do acolhimento das Irmãs e de sua disponibilidade. Todos ficaram muito agradecidos.

Diariamente um tema era aprofundado em vista da formação do Diretor Provincial.

Na manhã do primeiro dia, o Padre Patrick Griffin, Diretor geral, propôs um tempo de reflexão, a partir do texto de Lucas 4, 16-21, com o tema: “*A Congregação a serviço da Companhia*”. Na parte da tarde, Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, apresentou “*A Companhia hoje e do futuro*”. Em seguida, as cinco Conselheiras gerais apresentaram um resumo dos trabalhos do Encontro das Visitadoras, realizado em maio de 2012. Esse primeiro dia orientou as duas semanas de trabalho que se seguiram.

Os demais dias de encontro tiveram como tema:

* “*Os Fundadores*”:

- São Vicente, cofundador das Filhas da Caridade
- Santa Luísa de Marillac e a espiritualidade das Filhas da Caridade.

* A Igreja e a Companhia: estudo dos documentos da Igreja e o discernimento de uma vocação à vida consagrada.

* “*A identidade da Companhia*”:

- Identidade e caráter específico dos votos na Companhia;

- Exposição sobre os documentos essenciais da Companhia: “das Regras Comuns às Constituições”.

* Leitura do *Diretório* para examinar as eventuais mudanças a serem feitas no futuro.

* O ministério da animação espiritual:

- O papel e a ação do Espírito Santo na animação espiritual

- Diversas práticas da animação: retiros, conferências e dias de recoleção.

No domingo, cada um pôde aproveitar o dia livre para visitar Paris nos passos dos Fundadores. No dia seguinte, os trabalhos foram retomados com os temas:

* O Acompanhamento e as visitas pastorais. Unir a dimensão de fraternidade e o apoio do serviço sacerdotal.

* A formação inicial e a formação contínua.

* Questões e princípios relacionados ao Direito canônico da Igreja e ao direito próprio da Companhia que retomaram muitas questões já abordadas nas conferências e discussões. Na parte da tarde, o tema ‘acompanhamento’ foi retomado em vista do serviço específico às Irmãs idosas e doentes.

* O papel do Diretor com o Conselho provincial e a Assembleia provincial: a diversidade e a variedade das experiências dos Diretores permitiram uma grande qualidade de debates.

* Alguns casos particulares sobre “Irmãs em dificuldade”, com a participação das Conselheiras gerais.

* Depois, os coirmãos tiveram a oportunidade de dialogar, em grande grupo, com o Padre Gregory, Superior geral, suscitando discussões sobre certas questões e escutando as observações. Na parte da tarde, alguns Diretores apresentaram sua experiência, que resultou em uma partilha frutuosa seguida de um tempo de reflexão.

* No último dia, o Padre Patrick Griffin apresentou uma síntese das discussões, destacando particularmente a importância da colaboração. Depois, o Padre Gregory agradeceu a todos que tornaram possível a realização deste encontro, especialmente, a generosidade da Irmã Evelyne e das Irmãs da Casa-Mãe; do Padre Bernard Schoepfer e dos Coirmãos de São Lázaro; das tradutoras; das Irmãs da cabine de som e os membros do Secretariado geral da rua du Bac, e convidou-os, por sua vez, a partilhar toda a riqueza da reflexão desta sessão, agradecendo a todos os participantes por seu serviço às Irmãs e sua participação ativa neste encontro.

Antes de participar da Eucaristia, pedimos a Virgem Maria e ao Espírito Santo que continuem a nos acompanhar e a nos guiar em nossa responsabilidade.

2 - A ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Em São Lázaro, nossa Casa-Mãe, do nascer até o pôr do sol, podíamos escutar os cânticos em diferentes línguas que ecoavam desde o andar térreo até o terceiro andar. Na verdade, para o tempo de oração, os Diretores foram organizados em cinco grupos de línguas (francês, espanhol, inglês, italiano e português).

Para a Eucaristia, as homilias foram traduzidas em diferentes línguas e foram preparados livros de liturgia com o texto e as orações, assim todos os coirmãos estavam prontos para celebrar à uma só voz. Na maioria das vezes, a Celebração Eucarística aconteceu em São Lázaro, na rua de Sèvres, mas também, duas vezes na Capela da Medalha Milagrosa e duas vezes, na Capela São José na rue du Bac. Estes lugares santos lembraram aos nossos coirmãos o nosso patrimônio, nossos modelos, e o lugar privilegiado de Maria, em nosso carisma, na devoção popular e o serviço de nossas Irmãs.

Cada sessão de trabalho começava e terminava com uma oração ao Espírito Santo ou a Virgem Maria, ou ainda com uma oração de louvor.

3 - AS PARTILHAS INFORMAIS

Como o Padre Gregory desejou, além das intervenções de qualidade e dos debates, os participantes aprenderam muito, durante as partilhas informais na mesa, nas idas e vindas, nas noites culturais. A diferença da língua não foi um grande obstáculo, pois os Coirmãos se tornaram tradutores uns para os outros: algumas conversas que misturavam palavras em francês, espanhol, italiano, terminavam sempre com um “Ok”.

A realidade do caráter internacional da Companhia e da Congregação estava sempre em evidência. Todos mostraram um grande interesse pelas diferentes experiências vividas e pelas situações que cada um enfrenta em seu país. Constatou-se a dedicação dos Coirmãos junto às Irmãs e das Irmãs junto aos pobres, em cada país e em cada cultura, ali representados. Valiosos são o privilégio e a responsabilidade dos Diretores provinciais, como delegados do Superior geral junto às Filhas da Caridade. O Padre Gregory expressou claramente este sentimento na conclusão de sua carta, que consta em nosso *Diretório do Diretor provincial das Filhas da Caridade*:

“Tenham a certeza de que servindo as Irmãs, servem os pobres. Rogo ao Espírito Santo que os acompanhe e os ajude em seus ministérios” (Diretório do Diretor provincial das Filhas da caridade, pág. 6).

Evidentemente que o Espírito de Deus nos acompanhou durante estas duas semanas de formação. Com a Virgem Maria, rezamos para continuar a estimar e assumir fielmente este papel, em resposta ao nosso carisma comum. Colaborando na animação, no acompanhamento e na formação das Filhas da Caridade, contribuímos também com a nossa própria formação, animação e acompanhamento.

Padre Patrick GRIFFIN, cm
Diretor geral

NOTÍCIAS BREVES

NASCIMENTO DE UMA NOVA PROVÍNCIA NA ESPANHA: “PROVÍNCIA DA ESPANA-SUR”

Para melhor responder às realidades atuais e enfrentar os novos desafios, uma nova Província na Espanha nasceu: a “Província Espanha-Sur”. Trata-se da união das três antigas Províncias de: Granada, Sevilha e Canárias.

Os atos oficiais para a formação da nova Província aconteceram no dia 15 de março de 2013, Festa de Santa Luísa, com a presença de Irmã Evelyne Franc, Superiora Geral, Irmã Rosa Maria Miró, Assistente geral e do Padre Patrick Griffin, Diretor geral. A Irmã Evelyne instalou a nova Visitadora e as Conselheiras e confiou à Irmã Maria Pilar Rendon, o documento oficial de estabelecimento da nova Província. O novo Diretor provincial foi apresentado pelo Padre Patrick.

PROVÍNCIA DA ÁFRICA CENTRAL ENVIA CINCO FILHAS DA CARIDADE PARA A MISSÃO EM SAFA, NA REPÚBLICA CENTROAFRICANA

Em resposta a um urgente apelo feito pela República Centroafricana, em 2011, a missão em SAFA, situada neste mesmo país, foi confiada à Província da África Central, em colaboração com a Província da Eritreia.

Em 2012, após uma formação preliminar, com os temas: missão do Redentor; evangelização no mundo moderno; atividade missionária; profetismo do carisma vicentino à luz da Doutrina Social da Igreja, cinco Filhas da Caridade da Província da África Central, dentre as quais, duas vindas da Província da Eritreia, foram enviadas para a missão em SAFA. As Irmãs assumem o serviço na área de saúde, ao mesmo tempo que aprendem o Sango, língua oficial do país, para facilitar a comunicação e habitam-se progressivamente ao clima, aos costumes e às culturas.

FONTES E ATUALIDADES

A Filha da Caridade professora, segundo São Vicente

(cf. Coste IX, 77-79)

Antes de refletir sobre o tema: “A Filha da Caridade professora” gostaria de evocar a experiência de São Vicente como estudante e professor, ao menos, por duas razões:

1. Vicente de Paulo sempre deu uma grande importância à experiência, e tudo o que ele viveu tanto como estudante, e depois, como professor encontra-se de uma maneira ou de outra, em seu projeto e em suas realizações missionárias, referentes ao ensinamento.

2. Para todos os filhos, mas sobretudo quando se trata de São Vicente, um pai deve poder ser uma referência vigorosa e mesmo segura. Ora, já me aconteceu, de às vezes, me sentir como aqueles ou aquelas que estão comprometidos nas estruturas sociais, profissionais ou pastorais de ponta, perfeitamente à vontade na sua relação com São Vicente de Paulo, enquanto os professores pareciam estar com um pouco mais de dificuldade, algo como se os primeiros estivessem em plena linha de fidelidade, e os segundos um pouco à margem. Estou convencido de que estas primeiras experiências de Vicente de Paulo foram determinantes para Ele e para suas fundações e o levam a considerar o ensinamento como uma forma muito importante de evangelização e do serviço dos pobres.

Para aprofundar o tema “A Filha da Caridade professora, segundo São Vicente de Paulo”, devemos nos lembrar a história de Margarida Naseau.

MARGARIDA NASEAU

A primeira atividade profissional e pastoral de Vicente de Paulo foi lecionar. Isto é curioso e sem dúvida providencial que a primeira Filha da Caridade, Margarida Naseau, tenha sido também, a sua maneira, uma professora.

Vocês conhecem este resumo da conferência de julho de 1642 sobre as virtudes de Margarida Naseau, mas, convém reler atentamente uma parte que se refere diretamente ao assunto: *"Margarida Naseau, de Suresnes, foi a primeira Irmã que teve a felicidade de mostrar o caminho às outras, tanto para ensinar as meninas, como para assistir aos pobres doentes, embora quase não tivesse tido outro mestre ou mestra senão Deus. Era apenas uma pobre vaqueira sem instrução. Movida por uma forte inspiração do céu, teve a ideia de instruir a juventude, comprou um alfabeto, e, não podendo ir à escola para aprender, ia pedir ao pároco ou ao coadjutor que lhe ensinassem o nome das quatro primeiras letras. Noutra ocasião perguntava o nome das quatro letras seguintes, e assim por diante. Depois, enquanto guardava as vacas, ia estudando a sua lição. Se via passar alguém que tinha ares de saber ler, perguntava-lhe: 'Senhor, como se deve pronunciar esta palavra?' Assim, pouco a pouco, aprendeu a ler, e depois instruía outras meninas da sua aldeia. E então resolveu ir de aldeia em aldeia, para ensinar a juventude com mais duas ou três meninas que tinha preparado. Uma ia para uma aldeia, outra para outra. É de notar que conseguiu isto sem dinheiro e sem outro auxílio senão o da Divina Providência. Jejuou muitas vezes dias inteiros e habitou em lugares onde só havia paredes.*

Entregava-se algumas vezes de dia e de noite à instrução, não somente das meninas mais pequenas mas, também das adultas, e isto, sem motivo de vaidade ou de interesse, sem outro fim senão a glória de Deus que provia todas as suas grandes necessidades, sem que ela nisso pensasse. Ela mesmo contou à senhora Le Gras que uma vez, depois de ter estado muitos dias sem pão e sem ter contado a ninguém a sua desgraça, encontrou, ao voltar da missa, com que se alimentar por muito tempo. Quanto mais trabalhava na instrução da juventude mais os camponeses troçavam dela e a caluniavam. O seu zelo com isso tornava-se mais ardente. Era tão desprendida que dava tudo quanto tinha, mesmo o que lhe era necessário. Mandou estudar alguns rapazes que não tinham meios para isso, alimentando-os as mais das vezes e animando-os no serviço de Deus; e esses rapazes são hoje bons padres. Finalmente, assim que soube que havia em Paris uma Confraria da Caridade para os pobres doentes, foi lá, levada pelo desejo de ser aí colocada. E ainda que tivesse grande empenho em continuar a instrução da juventude, deixou todavia este exercício de caridade, para abraçar outro que lhe parecia mais perfeito e necessário; Deus assim o queria, para que fosse a primeira Filha da Caridade, serva dos pobres doentes da cidade de Paris. Para ali atraiu outras meninas a quem tinha ajudado a desprender-se de todas as vaidades e a entregar-se à piedade.

Era muito humilde e submissa. Era tão desprendida, que, em pouco tempo, mudou de boa vontade de três paróquias diferentes, de que saía com grande pena de todos. Nas paróquias mostrou-se tão caridosa como nos campos, dando tudo quanto tinha, quando se apresentava a ocasião; não sabia recusar nada, e desejaria receber a todos na sua casa. Deve notar-se que então ainda não estava formada a Comunidade, nem havia nenhuma regra que mandasse proceder doutro modo. Era muito paciente e nunca murmurava. Todos gostavam dela, tudo era amável nela. A sua caridade foi tão grande que morreu por ter deitado na sua própria cama uma pobre menina doente de peste. Atacada do mesmo mal, despediu-se da Irmã que estava com ela, como se tivesse previsto a sua morte, e foi para São Luís com o coração cheio de alegria e de conformidade com a Vontade de Deus” (pág. 50 e 51).

Devemos destacar e guardar algumas destas passagens:

* A afirmação do Padre Vicente: Margarida Naseau foi a primeira. Esta importante e irrefutável afirmação sobre suas origens e que, além do mais, é facilmente ilustrada com a correspondência de São Vicente, no primeiro volume.

* Margarida Naseau é a primeira Irmã que teve a felicidade de mostrar o caminho às outras. *“Numa das missões encontrei uma boa menina da aldeia que se tinha dado a Deus para instruir as meninas aqui e ali. Deus inspirou-lhe o pensamento de me procurar. Propus-lhe o serviço dos doentes. Aceitou logo com prazer e enviei-a para São Salvador, primeira paróquia de Paris, onde se estabeleceu a caridade”* (Conf. de 22 de janeiro de 1645, pág. 142). Portanto, em 1630, Margarida se encontra na Confraria de São Salvador. *“Em seguida fundou-se uma Caridade em São Nicolau-do-Chardonet, depois outra em São Bento, onde estiveram boas meninas aldeãs, às quais Nosso Senhor abençoou de tal maneira, que desde essa ocasião se começaram a unir e a juntar quase imperceptivelmente”* (Conf. de 22 de janeiro de 1645, pág. 142). As outras Confrarias parisienses quiseram, portanto, ter jovens, e era Margarida quem as recrutava, preparando assim a constituição da primeira comunidade.

* *Era apenas uma pobre vaqueira sem instrução.* Esta frase me parece muito significativa: Margarida era apenas uma pobre vaqueira sem instrução como Vicente, que aos 14 anos era apenas um pobre guardador de porcos. Certamente, Margarida teve uma grande influência psicológica e espiritual sobre o caminhar de Vicente de Paulo. De 1617 a 1633 a Caridade foi marcada pelo período de 1610 a 1624 passado na Corte e junto aos Gondi. A partir de 1633, as Filhas da Caridade praticam a caridade do meio dos pobres para o meio dos pobres. Vicente percebeu a riqueza dessas origens; esta riqueza foi enormemente expressada na conferência sobre a “Imitação das virtudes das meninas do campo”.

* Movida por uma forte inspiração do céu, não tendo outro mestre ou mestra senão Deus, teve a ideia de instruir a juventude. É uma verdadeira vocação de professora e uma vocação extraordinária e única: uma analfabeta com a ideia de ensinar a juventude! Existe aqui algo emocionante e já, bastante vicentino. Para um certo número de professores, pelo menos, aqueles que têm a vocação, o projeto mais generoso e mais altruísta é compartilhar o que têm. Mas, Margarida chega ao ponto de partilhar até mesmo o que não têm, ou pelo menos, não ainda. Realmente emocionante. Seu projeto é, aliás, profundamente vicentino, porque é primeiro e espontaneamente voltado para os outros, para os pobres. Ela não estudou para si mesma, ela quis aprender para ensinar a juventude.

* *Ela comprou um alfabeto... ela perguntava... depois, enquanto guardava as vacas ia estudando a sua lição... Assim, pouco a pouco, aprendeu a ler...* Aqui, teríamos muitas observações a fazer. Primeiro, devemos ressaltar a extraordinária personalidade de Margarida Naseau. Pergunte-me o que uma jovem do seu tipo poderia ter se tornado se tivesse se beneficiado das condições de estudo que temos hoje?... Ao mesmo tempo penso que ela se tornou, de alguma maneira, muito mais e melhor que uma mulher com formação e cultura.

Aqui estão duas observações :

- Sem dúvida, pode-se rapidamente observar que ela não podia ir à escola. Isto não é surpresa, as escolas não eram para os pobres e muito menos para as meninas e, além do mais, Margarida trabalhava.

- As palavras do pároco e do vigário são muito significativas. Nós já falamos sobre o papel importante da Igreja na Instrução popular. Esta frase é muito significativa: "*Se via alguém que tinha ares de saber ler, perguntava-lhe: 'Senhor...'*", este tem valor de teste: alguém que soubesse ler ou, ao menos que aparentasse saber ler, só poderia ser um homem !

* *Assim, pouco a pouco, aprendeu a ler, e depois instruía...formava...* Observem que o projeto de Margarida é sempre muito claro. Realmente, ela estudou para ensinar às outras jovens, também pobres. Mas o que é surpreendente aqui é o seu temperamento de organizadora, poderíamos dizer de fundadora. Compreendemos que esta jovem extraordinária tenha ficado impressionada com Vicente de Paulo e Luísa de Marillac. Neste resumo, existe a coragem e a genialidade da autodidata, a paixão de educar e de se instruir, a preocupação de formar as instrutoras e, finalmente, a organização de uma rede de alfabetização, de cidade em cidade. Como lamentamos que esta conferência sobre as virtudes de Margarida Naseau seja tão resumida! Gostaríamos de ter mais detalhes sobre esta primeira Filha da Caridade que obviamente tinha a vocação, a genialidade e a paixão pelo ensino.

* "*É de notar que conseguiu isto sem dinheiro...*". Obviamente, que Vicente, o mestre organizador, deveria estar espantado, pois conhecia bem o preço de qualquer iniciativa de caridade !

* Vemos também que *troçavam dela e a caluniava...* Era quase inconveniente que uma jovem soubesse ler. Quanto mais aceitar que ela instrísse, e sobretudo, como afirma a sequência do texto, instruir as jovens. Era mudar o mundo de cabeça para baixo,

* "*E ainda que tivesse grande empenho... para os pobres doentes*". Que Margarida Naseau tivesse um grande empenho pela instrução da juventude, por este testemunho de São Vicente não se pode duvidar. Portanto, é evidente que a primeira Filha da Caridade teve a vocação, a paixão e o dom de ensinar, mas, certamente, de uma educação em vista da glória de Deus e do serviço dos pobres.

Lembrei aqui longamente a personalidade e a experiência de Margarida Naseau pois elas apresentam duas razões importantes:

1 - Primeiro, porque se trata, segundo São Vicente, da primeira Filha da Caridade. Poderíamos quase conceder-lhe o título de cofundadora. Em um momento, onde, nem São Vicente, nem Santa Luísa pensavam na fundação, Margarida Naseau se apresenta à Luísa de Marillac e a Vicente de Paulo providencial e espontaneamente como uma espécie de protótipo de Filha da Caridade.

2 - Estou convencido de que a extraordinária experiência de “instrutora” de Margarida Naseau foi importante e determinante para as orientações apostólicas da Companhia. Na verdade, encontramos no primeiro regulamento a menção sobre a instrução, e isto desde o começo. Esta é a contribuição de Margarida Naseau, o eco da sua experiência e de algumas jovens “que ela havia formado” e dentre as quais, sem dúvida, um certo número formou o primeiro núcleo da Companhia.

A FUNÇÃO DE PROFESSORA NOS PRIMEIROS REGULAMENTOS

Em 31 de julho de 1634, o Padre Vicente se propôs a explicar às primeiras Irmãs o regulamento, lembrando-lhes primeiro que: *"A Providência reuniu aqui doze de vós..."*. Falemos primeiro deste "regulamento das doze", apresentada neste dia pelo Fundador. Observa-se que a experiência de Margarida Naseau já está integrada. A primeira missão das doze é o serviço dos pobres doentes a domicílio, no quadro das Confrarias da Caridade. Mas, a função de instruir também está claramente expressa: *"O tempo que vos sobrar do serviço dos doentes, deveis empregá-lo bem; não estejais nunca sem fazer nada; aplicai-vos em aprender a ler, não para vossa utilidade particular, mas para estar em condições de serdes enviadas para lugares onde possais ensinar"*(pág. 4). Este texto é importante, pois prova que a função de ensinar é uma atividade ou uma opção original para as Filhas da Caridade.

Sete anos mais tarde, quando o Padre Vicente explica novamente o mesmo regulamento em 16 de agosto de 1641, ele é ainda mais claro: *"Depois da missa, deveis exercitar-vos na leitura, para vos tornardes aptas a ensinar as meninas. Deveis, minhas queridas Irmãs, aplicar-vos a isso seriamente, pois é um dos dois fins para que vos dais a Deus: o serviço dos pobres doentes a instrução da juventude, e isto, principalmente nos campos. A cidade está quase toda fornecida de Irmãs ; é portanto justo irdes trabalhar nos campos. Não estais todas nesta disposição, minhas boas Irmãs, sem levar em conta , os conhecimentos, nem os lugares próximos ou afastados?"* (pág. 28).

OS CRITÉRIOS

Está claro que, desde o início até a morte de São Vicente a função de ensinar era considerada na Companhia das Filhas da Caridade como uma importante forma de serviço dos Pobres.

Mas, no pensamento de Vicente não se tratava, evidentemente, de uma instrução qualquer. Ele lembrava com frequência os critérios que, para não prolongar muito, podemos resumi-los em dois:

1 - O magistério das Filhas da Caridade deve ser reservado aos pobres;

2 - Para as Filhas da Caridade a instrução não deve jamais prejudicar o serviço dos pobres nem passar na frente dele. O Padre Vicente determina mesmo que o ideal seria encontrar uma e outra opção em cada comunidade, o que como o veremos, constitui uma ideia vicentina bastante original na Comunidade apostólica.

1 - As Filhas da Caridade devem guardar seu ministério de instruir às jovens pobres.

Devemos lembrar que, até então, não havia nenhuma lei escolar e que as escolas dos vilarejos existiam devido às iniciativas privadas e dependiam unicamente dos seus fundadores. Padre Vicente portanto, sem grande problema, pôde determinar as diretrizes e normas de sua iniciativa em matéria de educação. No entanto, isto não deve conduzir-nos a uma redução de sua clara vontade sobre este assunto.

Para ele, a razão era simples. As Filhas da Caridade eram, por vocação, servas dos pobres. Toda Filha da Caridade, qualquer que fosse o seu compromisso específico e concreto, deveria ser serva dos pobres e, portanto, se ela era professora, deveria ser professora dos pobres. E quando Vicente falava dos pobres, tratava-se dos verdadeiramente pobres, aqueles que não tinham os recursos necessários para estudar.

Voltemo-nos para São Vicente que em 9 de fevereiro de 1653, comentava o regulamento das Filhas da Caridade, dizendo: *"A Companhia, minhas queridas Irmãs, tem ainda por fim instruir as crianças das escolas no temor e amor de Deus, e nisto sois iguais às Ursulinas. Mas, porque são casas grandes e ricas, os pobres não podem ir para lá, e recorrem a vós"* (pág. 390).

Em 2 de novembro de 1655, compara ainda as Filhas da Caridade às Ursulinas : "*As Ursulinas servem o próximo instruindo e recebendo alunas, que ordinariamente são de condições ; vós deveis instruir os pobres por toda parte em que se apresentar a ocasião, não só as crianças que vão à escola, mas duma maneira geral, todos os pobres que assistis...*" (pág. 557).

Não é necessário multiplicar textos e referências. Conhecemos a escolha privilegiada, e até mesmo dizer, exclusiva do Padre Vicente em favor dos pobres, particularmente no que se refere às Filhas da Caridade. De acordo com ele, na medida em que a Filha da Caridade exercia a função de professora junto aos pobres, ela estava autenticamente a serviço dos pobres, e portanto, perfeitamente na linha do espírito e do fim da Companhia.

Aqui está, portanto o primeiro critério colocado por São Vicente para a função de professora na Companhia das Filhas da Caridade.

2 - O segundo critério diz respeito à hierarquia dos valores e a relação entre o que São Vicente chamava os dois fins da Companhia.

Se está claro que a função de professora é um ministério 'original' das Filhas da Caridade, também está claro que este é o segundo, dos dois fins da Companhia primitiva. O segundo no tempo e o segundo na urgência e na importância.

Margarida Naseau, a primeira Filha da Caridade, apaixonada e especializada no ensino vai depois passar da instrução ao serviço dos pobres doentes. Este foi apenas um sinal, pois, em caso de urgência ou de concorrência entre estes dois ministérios, o Padre Vicente sempre teve o mesmo reflexo que Margarida Naseau. Explicando o regulamento às Irmãs da Paróquia, Padre Vicente lhes disse: "*Quando puderem instruir as meninas da paróquia, sem que isso as impeça de ir aos doentes, uma aplicar-se-à a isso, podendo ser ajudada pela outra, se tiver necessidade...*" (Conf. de 25 de novembro de 1659, pág. 896).

A propósito das Irmãs de Varsóvia, ele escreveu: "*Louvo a Deus que as Filhas da Caridade já tenham começado suas pequenas escolas, mas estou surpreso que elas não estão ainda aplicadas na assistência dos pobres doentes*" (Carta a Charles Ozenne. V, 376).

Para Vicente, o serviço dos pobres, e particularmente, dos pobres doentes constituía a missão primeira das Filhas da Caridade. Porém, a instrução e a formação das jovens era o segundo fim, muito encorajado e praticamente exercido na maioria das primeiras Comunidades, mas tendo sempre em vista que o primeiro fim não sofresse .

Acredito que realmente podemos encontrar aqui a linha de fidelidade que São Vicente desejou para as Filhas da Caridade. Estaria absolutamente errado dizer que na Companhia a função de professora é um desvio ou uma atividade à margem. Porém, seria igualmente errado dizer que a função de professora deve ser colocada no mesmo plano ou nível que o serviço direto aos pobres doentes. A função de ensinar na Companhia justifica-se quando esta é uma forma de serviço aos pobres.

Devemos acrescentar aqui um aspecto que me parece muito característico do pensamento e da prática de São Vicente. Em seu tempo, existiam Filhas da Caridade empregadas no serviço dos pobres: doentes, prisioneiros, idosos, etc. e existiam Filhas da Caridade engajadas nas escolas. No entanto, Padre Vicente parecia temer a especialização das comunidades e não desejar de um lado comunidades de professoras e de outro, comunidades de servas dos doentes, idosos... Ele insistiu muito para que cada comunidade comportasse tanto uma missão quanto outra.

Este receio de uma especialização das Comunidades me chamou tanto a atenção que encontrei, exatamente o mesmo, para a Congregação da Missão.

Na verdade, **entre os Padre da Missão**, existiam também dois fins: a evangelização dos pobres e a formação do clero. A lógica de São Vicente foi exactamente a mesma. Para ele, a formação nos seminários era uma tarefa importante da Congregação, mas ela se justificava somente na medida em que a formação dos padres fosse um meio para melhorar a evangelização dos pobres. Jamais a necessidade da formação do clero deveria primar sobre as exigências e as urgências de evangelização direta dos pobres. De qualquer maneira, existiam na Congregação, missionários e professores. E novamente aqui, São Vicente recusa a constituição de comunidades especializadas em uma ou outra opção. Ele desejou e fez com que existissem, em cada uma de suas Comunidades, Missionários e professores

Aos Bispos que lhe pediam Coirmãos para os Seminários, ele respondia que os enviaria sob condição de poder unir ao grupo um ou dois missionários para evangelizar os pobres. Era uma maneira de afirmar o fim primeiro da Congregação e também de manter os Coirmãos professores em contato quotidiano com os missionários. Portanto, não existiam duas classes ou categorias: intelectuais e missionários; havia uma única comunidade missionária com compromissos complementares.

Encontramos exactamente o mesmo projeto e a mesma reflexão no que diz respeito às Filhas da Caridade. Claramente, São Vicente não desejou comunidades reservadas ao ensino ou comunidades reservadas ao serviço dos pobres; mas constituiu sistematicamente comunidades mistas e polivalentes.

Em 1640, a paróquia de Nanteuil pediu uma Filha da Caridade para a escola. Luísa de Marillac, em acordo com o Padre Vicente respondeu que poderia enviar duas, sendo que uma era para cuidar dos pobres doentes (SV, II, págs. 120 e 121). Sabemos também através de uma carta do Padre Vicente à Senhora Le Gras em dezembro de 1639, que, "*por causa da doença*", as Irmãs tiveram que interromper a visita aos doentes e as aulas (SV I, pág. 678).

Em uma carta a João Francisco de Gondí, Arcebispo de Paris, em agosto ou setembro de 1645, falando sobre os inícios da Companhia, o Padre Vicente disse: "*... há treze ou quatorze anos do início desta obra, Deus lhe tem dado tão grande bênção que, no presente, duas ou três dessas jovens se encontram em cada uma das referidas paróquias, as quais trabalham todos os dias na assistência dos referidos pobres doentes e até mesmo, algumas vezes, na instrução das moças pobres, quando lhes é possível, e vivem por conta da dita confraria das paróquias, onde estão empregadas, mas de modo tão frugal que elas não gastam senão cem libras por ano, no máximo, com a alimentação e o vestuário, e, em algumas paróquias, somente vinte e cinco escudos*" (SV, II, pág. 640). Uma outra carta de Vicente de Paulo, que se apresenta como muito indigno Superior geral da Congregação da Missão, faz a mesma afirmação, utilizando praticamente os mesmos termos: "*no presente, duas ou três dessas jovens se encontram em cada uma das referidas paróquias, as quais trabalham todos os dias na assistência dos referidos pobres doentes e até mesmo, algumas vezes, na instrução das moças pobres, quando lhes é possível...*" (Coste III, 54).

Tanto ao que diz respeito aos Coirmãos da Congregação da Missão como às Filhas da Caridade, temos realmente a impressão de que Padre Vicente temia uma tendência artilosa, uma espécie de desvio que levasse os professores a se distanciarem dos pobres, aproximando-se pouco deles. Portanto, para não correr este perigo, Padre Vicente, volta-se para Comunidades mistas onde o professor (a) estaria sempre em relação com o coirmão que vai pregar a missão nos vilarejos ou com a Irmã que vai cuidar dos pobres doentes a domicílio ou visitar os prisioneiros.

Mais de três séculos já se passaram e, entre outros, o problema da especialização surge hoje de maneira totalmente diferente. Deus sabe o quanto São Vicente prezava a competência: competência de enfermeira, da Filha da Caridade Catequista, do padre da Missão comprometido com os grandes Seminários ou com as Missões. No entanto, em sua época a competência podia ser adquirida sem especialização. Atualmente, os tempos mudaram muito e não existe mais competência profissional sem especialização. Isto é uma verdade para assegurar algumas disciplinas escolares, tais como: matemática, letras, línguas, ciências, tecnologias... Isto também é verdade para os meios de vida: urbano, rural, operário, excluídos...

Tudo isso é verdade, mas acredito que é necessário nos questionar se a intuição de São Vicente não permanece, como muitas de suas intuições, uma reflexão para hoje.

Ainda hoje, a especialização que é, muitas vezes, uma exigência profissional, tem seus limites e seus perigos e parece cada vez mais necessária a comunicação entre Coirmãos, entre Irmãs comprometidas nos diferentes ministérios. Somente neste permanente intercâmbio e comunicação é que a orientação fundamental dos nossos Institutos poderá ser salvaguardada para os pobres, sua evangelização e seu serviço.

CONCLUSÃO

Está claro que o serviço dos pobres, no/e através do ensino, foi desde o início, um ministério confiado, por São Vicente, às Filhas da Caridade.

Está evidente que este ministério foi considerado, na ordem das urgências, como vindo após o serviço dos pobres. Ele era o segundo fim que de nenhuma maneira deveria prejudicar o primeiro.

Finalmente, está claro que, no pensamento e na vontade de São Vicente, este ministério, como toda atividade das Filhas da Caridade deveria ser orientado para os pobres; os outros deveriam ser encaminhados às Ursulinas.

Quanto a saber o porque São Vicente, desde o início, considerou o ensino como um autêntico e necessário serviço dos pobres, devemos nos lembrar que:

- * São Vicente foi privado do ensino durante catorze anos;
- * Ele fez a experiência de uma promoção humana e social pela educação;
- * e que depois ele mesmo foi professor;
- * finalmente, e sobretudo, ele encontrou Margarida Naseau, uma extraordinária e apaixonada professora que trouxe toda a sua experiência e sua convicção para fundação da Companhia das Filhas da Caridade.

Existem aqui linhas de dinamismo e de fidelidade que permanecem e devem permanecer nas situações tão diferentes daquelas que São Vicente, Santa Luísa e Margarida Naseau conheceram. Isto supõe buscar juntos como permanecermos fiéis ao essencial vicentino no contexto atual.

Padre Jean MORIN, cm